



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**MARIA DAS DORES NASCIMENTO SILVA**

**O DESENHO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UTILIZAÇÃO DO DESENHO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SOBRAL, CEARÁ  
2012**

**MARIA DAS DORES NASCIMENTO SILVA**

**O DESENHO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UTILIZAÇÃO DO DESENHO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Mestre Camila Barreto Silva.

**SOBRAL, CEARÁ  
2012**

**MARIA DAS DORES NASCIMENTO SILVA**

**O DESENHO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UTILIZAÇÃO DO DESENHO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 21/12/12

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Camila Barreto Silva (orientadora)  
Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF-CE)

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Nara Maria Forte Diogo Rocha  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Socorro Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico à minha família, que sempre me incentivou com palavras de otimismo, em especial, minha amada filha Maysa.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar ao meu lado, acima de tudo, diante das adversidades e tribulações, me carregando nos braços quando minhas pernas pareciam intransponíveis, sempre me encorajando a caminhar e nunca desistir.

À minha orientadora e amiga, Camila Barreto Silva, pelo compromisso e dedicação sempre presente e acreditando no meu potencial.

À minha querida e amada filha, Maysa Expedita, que sempre foi um estímulo na minha vida, iluminando meu caminhar, sentido e significado de todas as minhas buscas.

Ao meu esposo Marcelo, que esteve presente em cada capítulo desta monografia, fazendo-se presente nos momentos alegres e nos tristes, compreendendo o meu silêncio, as minhas angústias, preocupações, transmitindo sempre a segurança necessária para que pudesse construir este caminho.

Aos meus irmãos, Ana Paula, Ana Claudia, Andréia, Creusa, João Paulo e Micel, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

Aos meus sobrinhos, Nathalia, Junior, Edson, Deassis, Neto, Maria das Graças, Alex, Valdemar e, em especial, a Ana Fabielly, que nos momentos difíceis trouxeram o riso para aliviar minhas angústias.

À minha mãe, Maria do Socorro (*in memoriam*), que de alguma forma se fazia presente quando minha capacidade de resistência era testada durante este trabalho. Na minha lembrança, seu apoio incondicional, onde um dia, fui eu que parti para longe em busca de sonhos. No outro, ela partia para sempre, mas mesmo assim ouço ecos de sua voz me incentivando a continuar.

A meus queridos amigos, Liziane, Heila, Jana, Cilene, Vanessa, Cristiane, Gracinha, Rita, Jane, Luciana, Lulu, Andréia, Sônia, Sandra, Disterro, Eulane, Marlene, Gracinha Cordeiro, Francisco e Felipe que sempre me incentivaram com palavras e carinho, em especial Misma, que me ajudou muito nesta trajetória.

Aos meus compadres, Clécio e Luciana, que se preocuparam comigo e ajudaram no que puderam quando precisei.

À diretora Tatá, que é mais que uma chefe, é uma amiga, que contribuiu me liberando para realizar a pesquisa e dando força para que eu continuasse.

À minha cunhada Francilene, que sempre me atendeu quando precisei.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como foco o estudo do desenho, e partiu de algumas inquietações, tais como: De que forma o desenho é utilizado na aprendizagem das crianças? Como as atividades com desenho são utilizadas na prática pedagógica das professoras da educação infantil? Quais atividades com desenho as professoras utilizam como suporte para a aprendizagem? Qual a concepção das professoras acerca das atividades com desenho para a aprendizagem das crianças por meio do desenvolvimento dessas atividades? A partir desses questionamentos a pesquisa teve por objetivo investigar como o desenho é utilizado nas práticas pedagógicas de duas professoras de educação infantil, observando como e em quais situações didáticas as professoras utilizam as atividades com desenho dentro da rotina da sala da educação infantil. Participaram deste estudo duas professoras da educação infantil, mais especificamente do infantil V, de uma escola municipal de Graça. Para a realização optamos em realizar uma pesquisa do tipo qualitativa, elegendo como método a observação guiada por um roteiro. Cada observação durou cerca de 4 horas, por duas semanas, resultando em 20 horas de observação em cada sala, totalizando 40 horas de observação nas duas. Dentre os resultados podemos destacar que ambas as professoras realizam atividades com desenhos com uma frequência significativa, mas foi evidenciado que estas atividades não foram realizadas de forma à proporcionar, por meio de experiências prazerosas, a expressão da criança, bem como o respeito aos seus desejos ou escolhas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação infantil, Desenho, Prática Pedagógica.

## **ABSTRACT**

This research focuses on the study of design and broke some concerns, such as: How is the design used in children's learning? As activities are used to design the teachers' pedagogic practice of early childhood education? Which design activities with the teachers use as a support for learning? What about the design of the teachers to design activities with children's learning through the development of these activities? From these questions the study aimed to investigate how the design is used in the pedagogical practices of two teachers of kindergarten, watching and teaching situations in which teachers use activities with drawing room into the routine of early childhood education. The study included two teachers of early childhood education, specifically the child V, a public school in order to achieve Grace chose to conduct a qualitative study, chosen as the observation method guided by a script. Each observation lasted approximately 4 hours, two weeks, resulting in 20 hours of observation in each room, totalizing 40 hours of observation both. Among the results we note that both teachers conduct activities with drawings with a significant frequency, but it was evident that these activities were not undertaken in order to provide, through pleasurable experiences, the expression of the child as well as respect for their wishes or choices.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education, Design, Pedagogical Practice.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1-Frequência da ocorrência das atividades com desenho .....	34
Tabela 2 – Frequência das propostas metodológicas das atividades com desenhos .....	44
Tabela 3 - Frequência dos procedimentos de retomada das atividades com desenho pelas professoras .....	54



## **GRÁFICOS**

Gráfico1 – Gráfico das atividades com desenho .....	35
Gráfico 2 – Gráfico das metodologias das atividades com desenhos .....	44
Gráfico 3 – Gráfico de procedimentos de retomadas das atividades com desenhos.....	54

## LISTA DE FOTOGRAFIAS E IMAGENS

Foto 1 – Rotina da pré-escola observada .....	38
Foto 2 - Crianças realizando atividade livre de desenho .....	39
Imagem 1 – Desenho livre realizado na sala da professora .....	41
Imagem 2 – Desenho livre realizado na sala da professora B .....	42
Imagem 3 – Atividade dirigida de desenho realizada na sala da professora B .....	43
Imagens 4 e 5- Registros de atividades com desenhos para pintar .....	49
Imagem 6- Ilustração de uma história através de desenhos .....	52

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	16
1.1 Educação Infantil: Leis e Direitos .....	16
1.2 Desenho, desenhinho e desenho: aportes teóricos sobre o desenho enquanto recurso pedagógico .....	18
3 METODOLOGIA .....	28
2.1 Campo de pesquisa .....	28
2.1.1 Perfil da escola selecionada .....	29
2.2 Sujeitos da pesquisa .....	29
2.2.1 Perfil dos professores selecionados .....	29
2.3 Procedimentos de pesquisa .....	30
2.4 Fontes de registros .....	32
3 ANÁLISE DE DADOS .....	34
3.1 Análise do critério 1 de observação .....	34
3.2 Análise do critério 2 de observação .....	43
3.3 Análise do critério 3 de observação .....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
REFERÊNCIAS .....	61
APÊNDICE 01 .....	65

## INTRODUÇÃO

As crianças chegam à Educação Infantil com uma vasta bagagem de conhecimentos: sabem correr, brincar, cantar, identificar rótulos, contar os numerais de forma mecânica, reconhecer objetos e ações, animais, e muitas vezes classificá-los, conforme seus conhecimentos prévios. Desta forma, a aprendizagem não começa, somente, na escola, pois toda situação de aprendizagem escolar apresenta uma aprendizagem prévia. Com isso, o professor deve estar preparado e atento para compreender e utilizar os recursos pedagógicos para tal finalidade, ou seja, a aprendizagem das crianças.

Percebemos que nas Instituições de Educação Infantil muitos professores utilizam como recurso pedagógico diversas atividades, como música, teatro de fantoches, dança, pintura e em especial o desenho. É comum vermos esta atividade (o desenho) sendo utilizada, principalmente com crianças da pré-escola, por ser uma atividade vista como prazerosa e bastante rápida e prática. No entanto, pergunto-me como o desenho poderia ser melhor utilizado pelas professoras da Educação Infantil tendo como foco a aprendizagem? Como o desenho, utilizado por essas professoras, pode ser utilizado como recurso multidisciplinar? As atividades com desenho na pré-escola são utilizadas com a finalidade de aprofundar as aprendizagens das crianças ou como um “simples” exercício para treino motor ou mesmo como um recurso de preenchimento de tempo? Pensando nessas inquietações (muitas delas de natureza pessoal), o tema do presente trabalho está pautado na investigação do desenho como instrumento da prática pedagógica na Educação Infantil no município de Graça.

Durante minha experiência como professora de educação infantil no município de Graça observei outras colegas de trabalho realizarem diversas atividades com desenhos junto às suas crianças. Em uma dessas observações, acompanhei uma atividade em que as professoras solicitavam às crianças que observassem atentamente o pátio da escola, para depois desenhar o que mais havia chamado-lhes a atenção. Ressalto que as professoras disponibilizaram folhas de papel ofício, cartolina, lápis de cor, giz de cera e lápis preto para que as crianças tivessem condições adequadas e diversificadas para a produção dos desenhos. Em seguida, as mesmas terminaram suas atividades e as professoras pediram que falassem a respeito do que elas haviam desenhado. Durante esses relatos, as crianças participaram ativamente, expondo e explicando seus desenhos com muito entusiasmo. Ao observar essa atividade, foi fomentando-se em mim algumas perguntas, tais como: qual o

papel da atividade com desenho em sala de educação infantil? Como a professora poderia ter feito para que esta atividade fosse ainda mais interessante? Como a professora poderia ter trabalhado com a interdisciplinaridade<sup>1</sup>? Como terá sido o planejamento desta atividade, teria sido pautado em cima de um conteúdo lógico-matemático ou apenas para “preenchimento de tempo”? Enfim, como a professora utiliza pedagogicamente o desenho na educação infantil?

É importante ressaltar que a criança desde muito pequena já produz riscos, rabiscos, pontos, linhas, curvas, de forma tão natural (quando falamos de sujeitos que fazem parte de sociedades letradas), que acreditamos, sim, que a primeira relação delas com o desenho se dá, de fato, pelo movimento, pela imitação, pela reprodução e, claro, pelo prazer de produzir um traço sobre o papel, ao ver o outro (neste caso o adulto ou outra criança) realizando tal atividade.

Sabemos que o desenho é para a criança uma atividade que causa muita satisfação, e independente do meio educacional no qual a criança se encontre, o desenho, as linhas, os rabiscos, fazem parte de sua vida. Ferreira (1998) lembra que para estudiosos dos desenhos infantis, como Lowenfeld e Brittan, “[...] a criança sente grande satisfação em poder expressar os próprios sentimentos e as próprias emoções pela arte” (FERREIRA, 1998, p.23). Desta forma, o desenho mexe com o imaginário das crianças, e o professor da Educação Infantil deve, portanto, promover momentos para que elas expressem seus sentimentos e falem (socializem) a respeito deles, pois a linguagem verbal pode esclarecer, ainda melhor, o que elas expressaram.

Com isso o adulto, em especial o professor, precisa compreender que a própria criança deve falar a respeito do seu desenho para que o professor compreenda o significado do mesmo. Para Cruz (2008), é pelo que fazem que as crianças podem falar sobre quem são, como é o seu mundo, que lugar ocupam em relação aos outros, e como se reconhecem enquanto crianças, e se [se] reconhecem como tais. Assim, para oferecer elementos que ajudem na compreensão mais aprofundada sobre o desenho, enquanto recurso pedagógico e sua influência no desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança, o professor deve atentar-se em questões conceituais acerca do desenho, como por exemplo, os riscos. Estes, por sua vez, se constituem como passos iniciais e através dos traços, as crianças podem entrar inicialmente no mundo dos desenhos, expondo seus desejos, seus medos e

---

<sup>1</sup> Processo de interação recíproca entre várias disciplinas e campos de conhecimento. Constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns.

suas alegrias numa nova descoberta em um mundo de diferentes cores, formas e tamanhos. Sobre este assunto, Piaget (1971 e 1973) esclarece que a criança ao desenhar elabora conceitualmente objetos e eventos.

Entendemos ainda que o desenho apresenta e representa características individuais das crianças, e que o professor não deve fazer julgamentos precipitados, pois cada desenho tem implícito uma expressão e um sentimento transmitidos de forma única e pessoal.

A criança representa no desenho sua percepção, ou seja, o modo como ela vê e percebe o mundo a sua volta. Sobre este assunto, Leme (2007) procurou analisar o que a revista Nova Escola publicou entre janeiro de 2005 a dezembro de 2006 sobre o desenho infantil e sobre como o professor deve agir nesse momento de produção gráfica da criança. Também foi analisada uma edição especial lançada em dezembro de 2006 sobre Arte. A autora na análise dos dados desta pesquisa fomenta a reflexão acerca do uso de atividade com desenho na educação infantil. O estudo evidenciou que o desenho é um componente muito importante no desenvolvimento do sujeito.

Em seu trabalho monográfico, Lopes (2001) também tratou de investigar sobre o desenho. Este trabalho teve como objetivo a realização de uma pesquisa histórica e a hierarquização do desenvolvimento, descrevendo o caminho percorrido desde as primeiras pesquisas, até os dias de hoje sobre o desenho infantil e como o professor deve agir nesse momento de produção gráfica da criança. Para coleta de dados fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica de trabalhos que trataram do tema desenho infantil, a partir de publicações do século XIX. Esse estudo verificou que o descobrimento do traço infantil e suas significações se deram em período eufórico da história da sociedade ocidental, quando o homem começava a avançar rumo ao aprofundamento de seus conhecimentos científicos. O estudo também evidenciou que a compreensão e os resultados obtidos quanto ao desenho da criança está diretamente ligado à maneira com que o adulto observa e interage com o assunto.

Simas (2011) analisou a contribuição do desenho infantil para a aquisição da língua escrita da criança na alfabetização. Nesta pesquisa utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica de outros autores como Philippe Áries, Bernard Charlot, Florence Méredieu, Henri Luquet, Emilia Ferreiro, entre outros. A análise evidenciou que o desenho infantil enquanto linguagem gráfica e artística contribui significativamente não só para o desenvolvimento da escrita, como também auxilia na coordenação motora da criança

durante o processo de alfabetização. Ambos os autores evidenciam que através de atividades com desenhos as crianças expressam sua leitura de mundo, elas representam com os desenhos suas vivências e suas experiências com as pessoas e o contexto no qual estão inseridas. Sendo assim, podemos entender também que a criança, através do desenho, pode despertar e ampliar seus conhecimentos. Para que o desenho apresente-se como tal função, o professor pode e deve incluir o desenho nas suas práticas pedagógicas como uma ação de grande porte que ajude as crianças a expressarem de forma livre e/ou orientada a sua aprendizagem. Portanto, o desenho não só estimula a capacidade de expressão da criança, mas, também, possibilita o entendimento de si e do outro porque ela registra no desenho como percebe o mundo à sua volta.

Diante das discussões realizadas por meio das pesquisas supracitadas, percebemos diante dos resultados a importância do desenho para o desenvolvimento infantil, mas ainda questiono-me sobre o papel pedagógico do desenho nas salas de educação infantil, pois os estudos realizados não deram conta de responder tais indagações: de que forma o desenho é utilizado na aprendizagem das crianças de uma sala de pré-escola neste município? Como as atividades com desenho são utilizadas nas práticas pedagógicas das professoras de educação infantil? Quais atividades com desenho as professoras utilizam como suporte para a aprendizagem das crianças? Qual a concepção das professoras acerca das atividades com desenho para a aprendizagem das crianças por meio do desenvolvimento destas atividades?

Portanto, elegi como objetivos desta pesquisa:

Geral:

- Investigar como o desenho é utilizado nas práticas pedagógicas de duas professoras de educação infantil do município de Graça;

Específicos:

- Conhecer em quais situações metodológicas essas professoras utilizam o desenho como instrumento de aprendizagem;
- Analisar como essas atividades (com desenho) são utilizadas na prática pedagógica dessas professoras, identificando, portanto, seu conceito acerca das atividades com desenho para a aprendizagem das crianças.

Ressaltamos que os resultados deste trabalho podem servir de subsídio para uma melhor compreensão dos professores quanto ao desenho das crianças e suas formas de expressão, como parte do desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das mesmas. Também

entendemos que o mesmo é de suma importância para a ampliação do entendimento e valorização do uso do desenho de forma pedagógica, possibilitando assim o despertar de um aprendizado mais dinâmico e significativo para as crianças.

Esta monografia foi organizada em quatro momentos que contribuíram para uma melhor compreensão e organização do presente estudo, a saber:

A Introdução destaca o objeto de estudo, a investigação acerca do desenho nas práticas pedagógicas de professoras da pré-escola, como também a exploração de pesquisas relacionadas ao tema para melhor compreensão dos fatos. Também estão claramente expostos os objetivos geral e específicos, bem como a justificativa que vem a ressaltar o motivo deste trabalho;

O primeiro capítulo trata do Referencial Teórico e tem como intuito compreender o desenho enquanto recurso pedagógico utilizado pelos professores, assim nos apoiamos em alguns autores para mostrar a importância do desenho nesse processo, como Luquet (1969), Merleau-Ponty (1990), que ressaltam sobre assuntos referentes a esta pesquisa;

O segundo capítulo descreve a Metodologia na qual enfocamos o tipo da pesquisa que foi utilizado neste trabalho, destacando os instrumentos que nos apoiamos para realizar o mesmo, sendo eles um roteiro e um diário de campo para registrar as observações esclarecendo os critérios de escolha dos sujeitos e do campo;

O terceiro capítulo apresenta a Discussão dos dados, como foi realizada as análises destes dados obtidos e também sobre as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelas professoras utilizando o desenho como recurso pedagógico. Utilizou-se de categorias no qual foram divididos em subcategorias para facilitar a compreensão e organização dos fatos;

Nas Considerações Finais, ressaltamos alguns pontos importantes sobre o desenho na Educação Infantil, destacando a importância do mesmo como recurso pedagógico para o desenvolvimento da criança.



## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo elencamos dois eixos que fundamentaram o presente trabalho.

O primeiro eixo, intitulado *Educação Infantil: Leis e Direitos*, trata de alguns aportes legais que legitima os direitos à educação infantil em nosso país.

O segundo eixo, intitulado *Desenho, desenhinho e desenhão: aportes teóricos sobre o desenho quanto recurso pedagógico*, no qual apresenta discussões sobre o conceito de desenho e sua importância para a aprendizagem das crianças. Este segundo eixo teórico é fundamentado, principalmente, pelas concepções de desenho de Luquet (1969) e Merleau-Ponty (1990).

A seguir apresentaremos os eixos separadamente.

### 1.1 Educação Infantil: Leis e Direitos

A trajetória da educação infantil em busca de uma educação de qualidade foi árdua, mas através da pressão dos movimentos sociais e políticos conseguiu que a mesma fosse reconhecida como direito da criança, opção da família, dever do Estado e como primeira etapa da educação básica. Sobre isto a Constituição de 1998, no artigo 227, declara que

é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e o adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CONSTITUIÇÃO, 1998, p. 116).

A Constituição de 1998 foi um dos pontos de partida para nortear o trabalho com crianças, fomentando o surgimento de outros documentos que garantissem os direitos destas, como a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB 9394/96). Esta lei considera que a Educação Infantil, do ponto de vista legal

é a primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, afetivo, intelectual, lingüístico e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Lei n. 9.394/96, art. 29, p.107)

Outro ponto importante para a educação infantil, no aporte legal, foi quando, em 1998, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil surgiu com uma perspectiva que evidenciou a criança como um ser de direito, sendo esclarecido na

proposta pedagógica que deveria ser voltada para atender as necessidades das crianças. O referencial ainda afirma que o

conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implantação de práticas educativas de qualidades que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. (RCNEI, 1998, p.13).

Vale ressaltar que a ideia de educação da criança pequena estava ligada ao fato de cuidar, sendo preciso definir a qualidade como base nas necessidades das crianças, consideradas a partir de valores que correspondem aos direitos das mesmas e que foi evidenciado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dessa forma, o trabalho com as crianças adquiriu reconhecimento e lugar mais amplo no sistema educacional, ou seja, atender as especificidades das crianças dessa faixa etária, contribuindo para o exercício de sua cidadania, se tornou prioridade.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) afirmam que os professores, ao utilizarem atividades com desenhos, não devem interferir nas mesmas, pois ressaltam que,

Para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais como lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc., e utilizando suporte de diferentes texturas como papéis cartolinas, lixas, chão, areia, terra etc. (RCNEI, p. 100).

Desse modo entendemos a importância das atividades com artes na infância, sendo necessário proporcionar momentos nos quais elas possam realizar produções que tenham relação com o mundo para vivenciarem novas experiências que ajudaram a construir significados sobre as artes.

O referencial curricular nacional para a educação infantil (1998) enfatiza e valoriza a área das artes como primordial nas práticas com as crianças:

As crianças têm suas próprias impressões, idéias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com o seu próprio fazer. As crianças esperam, sentem, agem, refletem, elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte (RCNEI, p.89).

Diante disso, é possível compreender que a educação infantil deve ter uma atenção especial, pois é um momento importante para a criança se desenvolver, sendo

assim proporcionar maneiras para que ela consiga expressar sua capacidade de criar e se relacionar – é importante para ampliar seu conhecimento. Lowenfeld (1977) ressalta que:

Os primeiros anos de vida são, provavelmente, os mais decisivos no desenvolvimento da criança. Durante esse período inicial, ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como ser, tudo o que irá ter reflexos em sua vida inteira. A arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem (p.116).

Sabemos da necessidade de se oferecer condições para que as crianças experimentem novas experiências facilitando o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades, pois é nesse momento que a criança começa a conhecer o mundo ao seu redor ampliando a sua aprendizagem. Diante disso, Almeida (2001) esclarece que:

As crianças, seres criativos em potencial, vivenciando situações de experiências diversas que ampliam suas referências de mundo. Esta afirmação impõe-nos pensar: no atual momento, as instituições da educação infantil desenvolvem atividades que realmente permitem a elas se desenvolverem fisicamente intelectualmente? Esse é o ideal perseguido por nós, comprometidos com a educação infantil (p.235).

Percebemos como é primordial que as crianças tenham um ambiente adequado para que possam vivenciar experiências que proporcionem o desenvolvimento do seu conhecimento, pois é uma tarefa na qual o professor deve ser parceiro, formando um papel social cooperativo, como esclarece o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998)

Na instituição infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas (p.30).

A criança através das descobertas feitas na sua infância vai adquirindo noções do que é realidade, utilizando sua criatividade para se expressar através do desenho, pois ao experimentar o ato de desenhar, ela passa a sentir prazer em fazê-lo. Nesse momento o professor deve estar atento para considerar as capacidades das crianças.

Como esclarece Angotti (2008) “a definição de uma profissionalidade para os professores infantis deverá considerar o fundamental da natureza da criança que é a ludicidade, entendida na perspectiva de liberdade e no prazer”.

## **1.2 Desenho, desenhinho e desenhão: aportes teóricos sobre o desenho enquanto recurso pedagógico**

Desde os primórdios da humanidade o desenho é usado para registrar cenas do cotidiano, e no decorrer do tempo os pictogramas foram se modificando até chegar o surgimento da escrita. Segundo Ferreira (1999) pictograma é

Desenho ou signo de uma escrita pictográfica. Desenho esquemático normalizado destinado a significar, especialmente, em locais públicos, certas indicações simples (p. ex, direção da saída, interdição de fumar, localização dos banheiros públicos, etc.).

Isso nos remete em saber: o que é desenho? De acordo Ferreira (1999), é:

representação a lápis, a tinta etc., de objetos e figuras, de paisagens etc. Arte que permite efetuar essas representações: curso de desenho. Delineação dos contornos das figuras. Disposição, ordenação geral de um quadro. Plano de um edifício. Desenho animado, série de desenhos que, filmados, dão aparência de movimento. Desenho linear, ou geométrico, o que é feito com régua e compasso. Desenho à mão livre, o que se faz sem régua nem compasso.

Assim entendemos que o desenho é uma forma de manifestação da arte. O artista transfere para o papel imagens e criações da sua imaginação. O mesmo acontece com as crianças, pois elas desenharam de acordo com o que veem e sentem, mostrando, dessa forma, que são capazes de perceber e retratar a realidade e o contexto na qual estão inseridas.

Para Moreira (1984) o “desenho é o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe” (p, 26).

O desenho tem uma função muito importante na vida da criança, pois quando ela entra em contato com o mundo, faz uso de traços, rabiscos para registrar suas necessidades, desejos ou conhecimento do mundo, dando significados aos seus desenhos que contribuem para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Pillar (1996, p.17) ao tratar da importância do desenho, afirma que

este está muito mais próximo dos aspectos figurativos da realidade e do símbolo, enquanto a escrita está próxima dos aspectos operativos - não ligados às configurações dos objetos, mas as suas transformações e dos signos e sinais que são atribuídos.

Assim, toda criança ao desenhar, está se relacionando com o mundo. A criança sempre encontra um modo de deixar seus registros usando o que está ao seu alcance como terra, areia ou até mesmo a parede de casa; ou seja, não precisa ter materiais convencionais

como um pedaço de papel, e no lugar do lápis, serve um pedaço de tijolo ou carvão para demonstrar o conhecimento do objeto. Sobre esse assunto, Pillar (1996, p.51) afirma que “ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo”. E, simultaneamente [...] “está aprimorando esse sistema de representação gráfica.”.

Como vimos, o desenho apresenta uma relação estreita com o processo de aprendizagem; com o processo de registro. Mas este processo como bem sabemos não se dá “da noite para o dia” (popularmente falando). É um processo longo e lento, pelo qual todos passaram ou ainda passarão. Zilbermann (1990), ao tratar deste processo, enfatiza seu pensamento afirmando que “no desenho, a interiorização da ação expressada, pelas representações verbais, visuais, gestuais e sonoras acontecem lentamente. Dos rabiscos e das pesquisas de formas nascem as primeiras tentativas de letras, diferenciando escrita de desenho” (p.157). Ainda podemos evidenciar que o ato de desenhar não se difere com o processo de outras artes, tudo é uma questão de tempo e da prática contínua, pois quanto mais a criança desenha, mais se aprimora em relação ao desenho, onde ela passa dos rabiscos para os desenhos em si.

Segundo Lowenfeld, (1977, p.128) “a criança aprende a desenhar, desenhando. O mesmo vale para as outras atividades artísticas: aprende-se a esculpir, esculpindo: aprende-se a escrever, escrevendo, e assim por diante”.

A princípio os desenhos infantis são elementares, com poucos traços, porém, no decorrer do processo, a criança vai colocando mais detalhes e fazendo uma relação do que ela registra com o que ela vive; a criança torna-se segura de si, e isto a impulsiona a querer desenhar mais e com maior significado. Entretanto, ressaltamos que ao pressionar uma criança a produzir ou reproduzir algo com a qual ela não se identifica, ou que está fora de seu contexto, torna-se para ela uma atividade desmotivadora, e ela [a criança] pode se manifestar negativamente à esta atividade, chegando muitas vezes a se recusar a realizá-la, ou seja, de não querer mais desenhar. As crianças precisam sentir-se motivadas e ter liberdade para produzir seus desenhos sem interferências diretas da professora, pois se houverem muitas imposições, a criança fica impossibilitada de deixar fluir sua criatividade. Lowenfeld, (1977, p.128) ressalta que, “uma criança segura e confiante tem maior capacidade de envolvimento, de concentração e de prazer em criar”, é importante que ela se sinta livre e segura para poder expressar-se por meio de desenhos.

Desta forma acreditamos que a criança que não tem medo de ousar, ela encara o novo com mais facilidade e determinação, e no desenho ela consegue dar asas a sua imaginação. Enfatizando tal perspectiva, Lowenfeld (1977, p.128) afirma que a criança consegue se ariscar ao desenhar porque dentre outras coisas não tem medo de errar ou até mesmo de mostrar o que pensa; está aberta a todas as experiências, a novas descobertas, para vivê-las intensamente. Seja com a influência dos objetos ou das pessoas, ela fará sua leitura dando seu significado, mostrando sua compreensão de mundo. Portanto, o desenho é uma manifestação espontânea que a criança usa para mostrar sua subjetividade, sendo uma das formas das quais a função de comunicação tem significados valiosos para as crianças, que podem se expressar e construir seus conhecimentos.

Ao desenhar no chão, na lousa ou no caderno a criança inicia uma relação com o movimento do corpo. Em geral, quando as crianças chegam à Educação Infantil, desenhavam suas famílias, suas casas, a praça que elas frequentam, ou seja, cenas do seu cotidiano. Segundo Lima (2003, p.169) “o desenho é uma situação de construção simbólica, no qual a criança registra seu movimento. O desenho é antecedido em sua evolução pelo desenho de um movimento do corpo no ar. Podemos assim, dizer que o “esboço” do desenho é realizado pelo movimento do corpo no espaço”.

É importante que os professores da Educação Infantil compreendam as fases do desenho e sua relação com o desenvolvimento das crianças para o processo de aprendizagem. Dessa maneira, saber que o desenho é a manifestação na qual as crianças usam para conhecer, explorar e comunicar-se com o mundo, é fundamental para a construção de uma prática pedagógica pautada em uma aprendizagem significativa. Portanto, para a criança, o desenho é uma continuidade que ela faz entre o objeto e a representação gráfica. Assim a criança representa o objeto como o entende, ou seja, sua criação é diferente da do adulto.

A seguir, trataremos mais especificamente da evolução do desenho.

#### **a) Evolução do desenho segundo diferentes autores**

Iniciaremos agora a exposição da evolução do desenho sob a ótica de diversos autores.

Alexandroff (2010) em seu trabalho intitulado “Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita”, ressalta as fases do desenho, segundo Piaget. Segundo a autora, a maneira de uma criança conhecer o objeto, passa por transformação

em sua evolução, no processo de movimento e equilíbrio. Quando a criança começa a diferenciar os desenhos passa pelo processo denominado garatuja. Esta faz parte da fase sensório-motora (zero a dois anos), fase intitulada por Piaget; em seguida, a parte pré-operacional (dois a sete anos). Segundo Piaget, esta se divide em: Garatuja desordenada, em que os movimentos são amplos e desordenados, sem preocupação com a presença dos traços, onde os mesmos são cobertos várias vezes com outros traços; Garatuja ordenada em que os traços aparecem com distância e circulares – aqui a figura humana aparece de forma imaginária, que pode surgir um interesse pelas formas.

No período de garatuja, ainda segundo Piaget (1978), a criança desenha, mas não faz relação entre o objeto e sua representação. Sendo assim, ela diz que um círculo é um avião, ou até mesmo antes de terminar o desenho já diz que é um peixe. Segundo o autor, a criança ainda passa por outras fases de desenvolvimento do desenho, como o pré-esquematismo, esquematismo e realismo.

O desenho pré-esquemático apresenta a descoberta da relação entre o desenho, pensamento e realidade. No esquematismo, a criança começa a construir formas diferenciadas para cada categoria do objeto.

No realismo aparecem nas operações concretas, onde as crianças já têm consciência do sexo, ou seja, o que é ser menino e menina, e passam a usar roupas diferentes para cada um dos sexos.

E no pseudonaturalismo, em que o desenho não é mais espontâneo, começa a investigação de sua própria identidade, aparecendo no papel suas inquietações e angústias.

Georges Henri Luquet (1969) foi um dos primeiros estudiosos que se dedicou ao estudo do desenho da criança levando em consideração a evolução cognitiva. Ele procurou compreender como a criança desenha, e a partir dessas observações elaborou os estágios de desenvolvimento do desenho infantil, a saber: realismo fortuito, realismo falhado, realismo intelectual e realismo visual.

Ainda segundo Luquet (*apud* MERLEAUPONTY, 1990, p.130),

o desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral. A intenção de desenhar tal objeto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental; o objeto representado é o que, neste momento, ocupará no espírito do desenhador um lugar exclusivo ou preponderante.

Merleau-Ponty (1990), também estudando os desenhos infantis, nos apresenta quatro estágios do desenho infantil, tais como:

- Realismo fortuito, em que a criança procura representar o objeto como uma totalidade. Este estágio subdivide-se em: a) desenho involuntário, em que a criança desenha só para fazer linhas, sendo que, nesse estágio, repete o movimento pelo simples prazer, e b) desenho voluntário em que a criança percebe certa semelhança entre os traçados e o objeto real. Ela enuncia a interpretação que o desenho lhe dá.
- Incapacidade sintética, em que a criança desenha cada objeto de forma diferente, considerando seu ponto de vista para diferenciá-los.
- Realismo intelectual, em que a criança procura desenhar não só o que vê no objeto, mas todas as suas fases.
- Realismo visual, em que a criança representa apenas os aspectos visíveis do objeto. Há um aprimoramento de sistema de desenho construído no estágio anterior.

Em se tratando de desenvolvimento da criança o desenho pode ser um grande aliado para a construção de conceitos a respeito das crianças, por ser um dos aspectos que se aprimoram de acordo com o desenvolvimento da criança.

Derdyk (1989) evidencia a importância da evolução da imagem visual. O desenho como forma de pensamento, viabiliza oportunidade de perceber que o mundo interior se choca com o exterior, onde o real se depara com a imaginação e o desejo de significar. Sendo assim, memória, imaginação se cruzam, passado e futuro colaboram para o registro da ação do presente. Ressaltando que o desenho pode ser considerado como estímulo para exploração do mundo imaginário.

Percebemos que diante de outros aspectos o desenho tem um desenvolvimento, o mesmo vai evoluindo de acordo com a criança, ou seja, a criança vai dando significado e construindo conceito sobre o desenho, mas isso requer alguns fatores. Para Vygotsky (1989), o desenho tem duas condições que facilitam o seu desenvolvimento, uma é o domínio motor, que a criança vê no desenho uma forma de representar os objetos que pode vir a ser uma imagem. Assim a criança percebe o objeto através do desenho, correspondendo às atribuições do sentido que a criança tem a respeito do objeto, formando a realidade conceituada.

Para o autor, outra condição relevante do desenho é a relação da fala com o desenhar, aqui o objeto representado graficamente só pode ser reconhecido quando a criança fala o que desenhou. Logo depois, ela começa a antecipar o que vai desenhar através da fala, fazendo uma organização da ação que irá realizar. Sendo um fato importante, na visão do autor, pois aqui se pode perceber já um “certo grau de abstração”



da criança que desenha, ao fazê-lo deixar fluir conteúdo da memória. O desenho para o ser humano é uma necessidade para demonstrar alguma coisa a respeito do mundo. Deixar marcas particulares para o ser humano é um modo fundamental para a comunicação, sendo a linguagem gráfica importante nesse processo, pois entendemos que o desenho não pode ser uma cópia, já que cada criança tem sua particularidade, seus desejos, seus medos e suas alegrias, e o desenho extrapola os limites da simples definição.

## **b) O desenho e as práticas pedagógicas**

Como foi dito acima,

o desenho não é mera cópia: reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando e atribuindo novas configurações do original. O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, transmitindo um conceito. (DERDYK, 1994, P.112).

Essas interpretações acerca do desenho demonstram o grande valor de tal representação, que desde então se observa trabalhos com desenho. É interessante enfatizar a importância do desenho na expressão da criança no âmbito educativo, sendo que a linguagem gráfica possibilita novos conhecimentos.

Segundo Pillar (1996), ao observar o desenho de uma criança, o professor pode aprender muito sobre o jeito de ser de cada criança, como o modo de pensar e suas habilidades.

Nesse sentido, entender a criança através do desenho é necessário para mediar rumo ao conhecimento, passando a utilizar o desenho como ponte para a construção do conhecimento. Durante esse processo o papel do professor é muito importante, pois é necessário que a criança tenha oportunidade de desenhar para expressar seus sentimentos.

Ressaltamos que o professor durante sua prática pedagógica deve entender que o desenho da criança dependerá também do meio em que está inserido, dando oportunidade e acesso a materiais para realizarem atividades de expressões artísticas, como também respeitar o ritmo de cada criança, pois cada criança tem seu tempo e maneira de mostrar suas experiências.

Assim o desenho aparece como um sistema gráfico e não como códigos, que concebe em considerar a opinião da criança, que através do desenho aprende a interpretar suas próprias representações. Como afirma Pillar (1996, p. 32):

[...] para que a criança se aproprie dos sistemas de representação do desenho e da escrita, ele terá de reconstruí-los, diferenciando os elementos e as relações próprias aos sistemas, bem como a natureza do vínculo entre o objeto do conhecimento e sua representação. Esse vínculo pode ser arbitrário, como no caso da escrita, por se valer de signos, ou analógico, como no desenho, por utilizar símbolos.

De acordo com a experiência como professora e os estudos realizados acerca do desenho infantil, percebo que existem professores da educação infantil que não valorizam as atividades com desenho com fins voltados para o desenvolvimento e a aprendizagem, pois consideram, muitas vezes, uma perda de tempo trabalhar os desenhos das crianças, alegando ter muito conteúdo a ser trabalhado. Mas ao desenhar, a criança está se desenvolvendo e aprendendo a expressar graficamente suas experiências, isso é um fato muito importante, assim como ampliar o olhar do professor para ver as crianças pelo que elas têm, representado no desenho.

Como ressalta Ferreira (1998, p. 105), a compreensão do desenho da criança depende do intérprete, ou seja, do olhar do professor. Afirmo ainda que “o desenho da criança é o ‘lugar’ do provável, do indeterminado, das significações”. Para essa compreensão o professor precisa estar atento em relação ao desenho infantil, que por sua vez pode contribuir para a construção do conhecimento, sendo necessário que se acompanhe o processo de criação, pois o desenho da criança representa a realidade que envolve os aspectos cognitivos e as emoções.

Sendo assim, o professor irá perceber o que de fato a criança representa graficamente. Sobre isso Direnzo, Castelbianco e Vinhi (1997, p.57) afirmam que

A análise dos processos permite focalizar a atenção na construção do tacado gráfico, ao momento criativo no qual o adulto está no espaço da criança, aos momentos significativos que levaram aquele produto e às motivações que induzem a desenhar aquelas formas específicas preferencialmente a outras (p.57).

O professor tem um papel importante no processo de aprendizagem das crianças, pois deverá, desde muito cedo, atender as necessidades de cada criança, respeitando seus limites e ritmos, desenvolvendo atividades que evidencie as habilidades dos mesmos, proporcionando desafios para serem superados naturalmente, fazendo suas próprias descobertas, evoluindo no processo de aprendizagem na construção da sua autonomia. Froebel (2001) traz sua contribuição a esse respeito:

Pintura, escultura, desenho e conto devem ser cultivados desde cedo, se quer dar uma educação completa e formar totalmente o homem, considerando-os objeto de ensino numa escola séria, não os deixando abandonados ao capricho infrutífero, à maneira do jogo (FROEBEL, p.145).

Portanto, a instituição infantil tem um papel indispensável nesse contexto, ou seja, a proposta pedagógica deve estar voltada para atender as necessidades das crianças, assim como os professores que também têm um papel fundamental nesse processo. Faz-se necessário atentar para o fato de que toda criança é capaz de pensar, raciocinar, se emocionar etc., entre muitas outras coisas. Almeida (2001) enfatiza que

O convívio social na educação infantil é algo muito intenso. Sabemos da importância e da necessidade de pensarmos em práticas educativas que dêem um real valor as situações de experiências onde as crianças, através do convívio social, tomem iniciativas que as levem a explorar e a conhecer o mundo que vivem (ALMEIDA, p. 244).

O mundo no qual está inserido o desenho destaca diversas linguagens, pintura, música, teatro, colagens etc., que aparecem de forma imprescindível para expressão e comunicação, valorizando sua presença na educação, e em especial na educação infantil. No que diz respeito às revelações infantis na pintura, dança e música, transparece uma comunicação de forma prazerosa para a criança; sendo assim, as atividades com artes são importantes para a criança expressarem suas experiências.

Simas (2011), em sua pesquisa, ressalta que em algumas situações é introduzido antecipadamente o processo de alfabetização para as crianças, isso é imposto por exigência feita pela sociedade em que vivemos. Dessa forma, as escolas priorizam atividades que não valorizam as formas da expressão, construídas ao longo de suas experiências através do desenho. Segundo a autora, não se trata da desvalorização da aprendizagem da língua escrita, e sim dar a devida importância ao desenho produzidos pelas crianças.

De acordo com Simas (2011) é responsabilidade do professor criar situações e ambientes com o intuito de estimular o desenvolvimento do desenho infantil em sala. Com isso o professor pode mediar as atividades das crianças, para que as mesmas construam através do ato de escrever as suas dúvidas e hipóteses. A respeito disso, a autora Edith Derdyk (1993) comenta que

(...) o processo de aquisição linguagem gráfica, retomando as descobertas e frustrações que envolvem o ato de desenhar, revivendo operações mentais e práticas que são exigidas pelo desenho, surgirá uma forma inédita pessoal de se relacionar com o universo infantil: a partir da experimentação e da investigação que nascem novos significados no encontro entre o adulto e a criança (p.50).

Assim, a autora evidencia a importância do trabalho desenvolvido com desenho das crianças, que para isso acontecer é preciso entrar no universo gráfico infantil, proporcionando à criança vivenciar essa linguagem, que é o desenho. No momento em que esta conexão do desenho e do significado for visto como importante na vida da criança, o professor poderá compreender as produções feitas pelas crianças. Esta pesquisa mostrou a percepção que só é possível ter êxito em atividade com desenho no momento em que o professor entender, através da prática, o prazer que as crianças sentem em desenhar. Diante disso, o próprio professor tem que experimentar essa aventura que é desenhar, partindo desta experiência para estruturar sua prática, pois a partir de como ele vivencia este momento, pode encorajar ou não a criança a expressar seu potencial criativo.

Para Vygotsky (1984), o desenho da criança é o seu meio de expressão, por essa razão ele é considerado como uma linguagem necessária para a aquisição da escrita na alfabetização. Desse ponto de vista podemos perceber que quando a criança é naturalmente introduzida a este processo, ela vai compreender com mais facilidade a relação existente entre o desenho e a escrita.

Sendo assim, a criança ao conceber o desenho infantil como linguagem que está inserida no processo de aquisição da escrita, ajudará a criança para que possa construir “(...) as suas hipóteses e desenvolver a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente, quando existem as possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas “teorias” sob forma de atividades expressivas.” (Derdyk, 1993, P.54).

Desta forma, segundo os autores supracitados, podemos observar que o desenho apresenta fases/estágios que podem corresponder/acompanhar e representar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Tais desenhos podem ser criados ou representados pelas crianças, e os mesmos vão evoluindo e se modificando de acordo com o desenvolvimento delas. Sendo assim, o professor deve ficar atento a esses estágios e contemplar os mesmos em sua prática pedagógica, para que o desenho seja trabalhado de maneira adequada e significativa para a vida das crianças, bem como para o enriquecimento da prática do professor.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa se inscreve no tipo qualitativo porque analisa as práticas pedagógicas quanto ao uso do desenho como um recurso pedagógico na Educação Infantil.

Sobre a relevância da pesquisa qualitativa, Minayo (2011) afirma que este tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, pois esta abordagem se aprofunda no mundo dos significados. Ainda segundo a autora esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposto e interpretado, em primeira instância, pelos próprios pesquisadores.

Para Chizzotti (1991, p.79), a pesquisa do tipo qualitativa trata de uma “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo do objeto e a subjetividade do sujeito”.

André (1995, p.18) corrobora com o autor supracitado ao afirmar que esse tipo de pesquisa trata dos

aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e as interações sociais que ocorrem em sua vida diária.

Desta maneira, para a realização desta investigação, optamos em realizar uma pesquisa qualitativa, por meio da observação da prática pedagógica. Esse tipo de pesquisa possibilitou uma melhor interpretação das ações e das concepções de desenho na prática pedagógica das duas professoras observadas em uma escola da rede municipal de Graça, ambas do nível infantil 5 da educação infantil. Para a coleta de dados foi realizada a observação da prática pedagógica dessas professoras por meio de um roteiro de observação, o mesmo encontra-se no apêndice 1.

### 2.1 Campo de pesquisa

Para a escolha da escola onde foi desenvolvida a pesquisa, elegi como critérios dois aspectos:

- Ter turmas ativas de educação infantil;
- Localizar-se próximo ao local de trabalho da pesquisadora (aspecto geográfico).

A escolha deu-se devido ao fato do núcleo gestor da escola onde a pesquisadora trabalha não ter podido liberá-la para a coleta de dados em tempo integral

todos os dias, sendo necessário que a mesma, após a coleta, retornasse ao seu local de trabalho.

Dentre as escolas do município de Graça, apenas uma apresentou os critérios supracitados.

### **2.1.1 Perfil da escola selecionada**

A escola selecionada dispõe de 10 salas, 01 cantina, 01 biblioteca, 01 diretoria, 01 banheiro para as crianças do sexo masculino, 01 para as crianças do sexo feminino e 01 para os funcionários, 01 laboratório de informática e 01 pátio coberto. Esta escola tem 45 funcionários, 22 professores, sendo 14 da educação infantil e 8 do ensino fundamental, uma diretora, uma vice-diretora, 4 merendeiras, 9 faxineiras, 2 vigias e 6 auxiliares de secretaria.

### **2.2 Sujeitos da pesquisa**

Quanto à escolha dos professores, elegi como critério os seguintes aspectos:

- Trabalhar na educação infantil;
- Lecionar em turmas do infantil 5;
- Apresentar desejo de participar da pesquisa, permitindo que observássemos e registrássemos seu ambiente profissional.

Dentre os 22 professores da escola selecionada, apenas quatro apresentaram os critérios de escolha. Entretanto, foram selecionados apenas dois, pois ambos mostraram disponibilidade e trabalhavam em contraturnos, ou seja, um a tarde e outro pela manhã, períodos estes em que foi realizada a observação (coleta de dados).

Como sujeito de estudo escolheu-se professoras que lecionavam especificamente em turmas de infantil 5, por acreditarmos que as crianças que compõem essas turmas (infantil 5, portanto crianças de 5 anos – em média etária) já possuem potencial para distinguir rabiscos, desenhos, letras e palavras, facilitando e proporcionando, desta forma, a compreensão das atividades propostas pelos sujeitos (professores).

#### **2.2.1 Perfil dos professores selecionados**

**a) Professor A**

A professora A trabalha há 10 anos na rede pública municipal do município de Graça, sendo que 8 anos foram destinados à educação infantil. A referida professora é formada em Pedagogia e não tem especialização. A mesma leciona em duas turmas de educação infantil, cada turma possui 35 crianças.

**b) Professor B**

Já a professora B, há 15 anos trabalha na educação, mas somente há 5 anos ela trabalha com crianças na educação infantil. A mesma é pedagoga e possui especialização em Matemática. Suas turmas têm 39 crianças. Atualmente atua na rede pública do município de Graça.

**2.3 Procedimentos de pesquisa**

Estive na escola com antecedência para observar aspectos com relação à organização da escola e horários que favoreceriam (ou não) a realização da pesquisa. Assim foi possível ter contato com as professoras que poderiam participar da pesquisa. Esta visita também possibilitou a escolha dos sujeitos.

Quanto aos caminhos percorridos para a realização desta pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos:

**a) Observação do campo por meio de um roteiro**

Após a escolha da escola e a seleção dos professores participantes, me aproximei do campo para realizar a observação.

As observações aconteceram durante o período de duas semanas (10 dias letivos) em cada sala, por quatro horas diárias, ou seja, 20 horas de observação semanais por sala, contabilizando 40 horas de observação em cada uma delas, totalizando 80 horas distribuídas nos turnos manhã e tarde.

A observação é um dos instrumentos capazes de coletar dados da realidade que outros instrumentos não conseguem. Acreditamos que a observação apresenta essa característica, pois a mesma possibilita analisar se a professora, nas atividades que realiza com as crianças, prioriza (ou não) a criatividade das mesmas, deixando que elas criem seus próprios desenhos, em vez de trazer tudo pronto para ser colorido, por exemplo. A observação permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, um importante alvo nas abordagens qualitativas.

Para Ludke (1986, p.26) planejar a observação significa determinar com antecedência “o que” e “o como”. E segundo Goetz e Lecompte (1998) a observação não só apresenta características peculiares nos processos qualitativos de investigação, mas assume, também, uma importância decisiva no sentido de que a ela compete “registrar os fenômenos mais relevantes para os aspectos principais do tema definido” (p.128).

A observação é um recorte que selecionamos no decorrer de nossas vivências de acordo com as nossas convicções, ou seja, selecionamos aquilo com o qual nos identificamos que faz parte da nossa identidade social. Mas quando utilizamos a observação como instrumento de pesquisa em trabalhos acadêmicos e científicos, é fundamental que sejamos imparciais e fidedignos. Sabemos que a neutralidade não existe, no entanto, é preciso ter ética. O observador deve ter um projeto sistematizado que o oriente no decorrer das observações, por isso utilizou-se como instrumento norteador um roteiro.

Segundo Patton (1980), para realizar as observações é preciso preparar o material físico, intelectual e psicológico. O observador, diz ele, precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações.

Citaremos alguns tipos de observações, segundo Lüdke e André (1986):

- a) Observação direta - onde permite que o observador aproxime-se mais dos sujeitos observados, é um importante alvo nas abordagens qualitativas.
- b) Observação participante - é uma estratégia que se utiliza de vários aspectos como observação, registro, documentos e a própria participação do observador.

Optamos por uma observação não-participativa, no entanto, em determinados momentos da pesquisa houve a necessidade de questionar as professoras observadas para esclarecer alguns aspectos do planejamento que a nosso ver estavam obscuros. Quanto a isto as mesmas prontamente esclareceram o que causava dúvida.



Para guiar a observação, foi elaborado um roteiro inspirado na estrutura das escalas de observação quanto à Competência do Professor em uma perspectiva de atenção às diferenças. Esta escala foi elaborada pelo Grupo de Pesquisa Gestão da Aprendizagem na Diversidade, coordenado pela professora PhD Rita Vieira de Figueiredo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará/UFC,

O roteiro de observação elaborado para a presente pesquisa apresenta três critérios, contendo seus respectivos subcritérios, a saber: o critério 1 (as ocorrências das atividades com desenhos), teve por objetivo observar as ocorrências/frequências das atividades com desenho desenvolvidas dentro e fora da sala. Este critério é composto por dois subcritérios, sendo eles: 1.1. (a professora realiza atividade com desenho dentro da sala), e o 1.2 (a professora realiza atividade com desenho fora da sala).

O critério 2 (Propostas metodológicas de atividades com desenhos), o objetivo foi observar quais as metodologias/frequência, eram utilizadas pelas professoras na realização de atividades com desenho dentro e fora da sala. Este critério possui oito subcritérios: 2.1 (A professora propõe atividades com desenho a partir de um contexto); 2.2 (A professora utiliza a atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo); 2.3 (A professora disponibiliza diversos materiais para que as crianças realizem seus desenhos); 2.4 (A professora propõe agrupamento para a realização das atividades com desenho); 2.5 (A professora propõe atividades com desenho livre, sem contexto definido); 2.6 (A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem); 2.7 (A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos, sem intervenção); 2.8 (A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos, com intervenção).

Por último, o critério 3 (Procedimentos de retomada das atividades com desenhos pelas professoras, que teve como objetivo observar como as professoras procedem quanto às atividades realizadas pelas crianças. Este critério apresenta quatro subcritérios: 3.1 (A professora somente expõe as atividades com desenho); 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente); 3.3 (A professora discute e expõe as atividades com desenho); 3.4 (A professora arquiva as atividades com desenho sem expor e sem discutir).

## **2.4 Fontes de registros**

O material para registrar as observações foi um caderno de registro, onde foram anotadas todas as observações e também um roteiro de observação.

Acreditamos que a observação, sendo guiada por um roteiro, possibilitou o maior esclarecimento e interpretação sobre a real situação vivenciada na Educação Infantil dessas duas professoras, no que diz respeito ao trabalho com desenho.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

Como dito anteriormente, a presente pesquisa foi realizada a partir da observação das atividades com desenhos desenvolvidas por duas professoras da educação infantil de uma escola municipal de Graça, utilizando, como instrumento norteador desta observação, um roteiro contendo três critérios: critério 1 (As ocorrências das atividades com desenhos); critério 2 (Propostas didático-metodológicas de atividades com desenho); e critério 3 (Procedimentos de retomada das atividades com desenhos pelas professoras).

Para análise dos dados, realizamos, a priori, a catalogação quantitativa dos resultados de todos os critérios que fazem parte do roteiro de observação. Posteriormente realizamos, por critério, a análise dessas frequências, observando os maiores e os menores índices, tratando, assim, da relevância dessas frequências para a prática do desenho em sala de educação infantil (análise horizontal das tabelas). A partir dos dados também realizamos a análise de natureza mais intrínseca observando as práticas das duas professoras (análise vertical das tabelas), sendo elas denominadas PA (professora A) e PB (professora B).

A seguir, apresentaremos a análise dos dados por critérios de observação<sup>2</sup>.

#### 3.1 Análise do critério 1 de observação

Para a análise do critério 1 (As ocorrências das atividades com desenhos), foi realizado mediante a observação dos critérios que mais e menos ocorreram, e a relevância dessas frequências para o trabalho com desenho na educação infantil. Como já foi dito anteriormente, este critério teve por objetivo observar as ocorrências/frequências das atividades com desenho desenvolvidas dentro e fora de sala.

A seguir, a distribuição dos dados do referido critério.

Tabela 1- Frequência da ocorrência das atividades com desenho

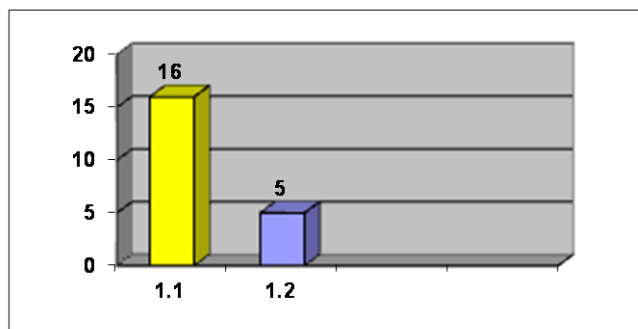
<b>Critério 1 As ocorrências das atividades com desenhos.</b>	<b>P. A</b>	<b>P.B</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
1.1 A professora realiza atividade com desenho dentro da sala.	8	8	16	76,2%
1.2 A professora realiza atividade com desenho fora da sala.	2	3	5	23,8%
Total de atividades realizadas com desenho.	10	11	21	100%

**Fonte: Dados da pesquisa**

<sup>2</sup> Alguns dados referentes a coleta de dados foram organizados e sistematizados por meio de tabelas e gráficos com a finalidade de organizar os dados analisados.

Os dados dos critérios são ilustrados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Gráfico das atividades com desenho



LEGENDA
1.1 A professora realiza atividade com desenho dentro da sala.
1.2 A professora realiza atividade com desenho fora da sala.

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos observar, durante o período de observação houve 21 atividades com desenho, sendo 10 na sala da professora A e 11 na sala da professora B. Isso indica que as professoras realizaram, sim, atividades com desenho durante as duas semanas de observação, revelando-se, a priori, como um fato positivo na prática pedagógica das professoras.

Levando em consideração que as atividades com desenhos foram inseridas nos planejamentos das professoras observadas, Vygotsky (1988) afirma que o brinquedo, o desenho e a escrita compartilham de um aspecto comum que é a função simbólica e enfatiza a sua importância no aprendizado das crianças. Desta forma percebemos que o desenho é uma atividade que deve ser utilizada na educação infantil como instrumento pedagógico que deve estar presente de forma constante na rotina das crianças, portanto, nos planejamentos.

Assim, o desenho como um instrumento que promove o desenvolvimento deve ser (e continuar sendo) inserido nessa organização diária, a partir de diversas atividades, como por exemplo, a exploração de alguma produção cultural e em seguida a reprodução da mesma. Ressalto que o planejamento é importante para a organização do tempo e do espaço utilizado na realização das atividades com as crianças, levando em consideração a rotina, os materiais, os espaços, as propostas para atender as necessidades das crianças.

Quanto ao subcritério 1.2 (A professora realiza atividade com desenho fora da sala), no decorrer de duas semanas de observação constatamos que as professoras realizaram fora da sala cinco atividades com desenho, correspondendo 23,8%. Podemos

observar que as atividades, principalmente com desenho, são concentradas dentro do ambiente da sala, e que os demais espaços escolares não foram tão explorados pelas professoras participantes quanto ao uso de atividades com desenhos. Dessa forma seria interessante que as professoras explorassem outros ambientes da escola, pois as atividades (seja com desenho, seja de manipulação, seja de confecção de materiais, dentre outros) não podem ser concentradas em um dado lugar, pois sabemos que as crianças necessitam ampliar suas perspectivas, serem provocadas com situações desafiantes, mudar de ambiente, se movimentar, e assim nessa dinâmica trabalhar com atividades, dentre elas, com desenho.

As Orientações Curriculares para Educação Infantil (BRASIL, 2011, p. 94 e 95) ressaltam que se faz necessária uma organização cuidadosa do espaço, bem como a observação do professor com relação à maneira de como é utilizado o espaço pelas crianças, sendo que esse espaço pode ser modificado de forma que as mesmas estejam seguras e os objetivos pretendidos pelos professores sejam alcançados. Assim, “A área externa geralmente oferece uma série de desafios (morrinhos, áreas para correr, espaços para escalar etc.) que podem ser diariamente explorados pelas crianças ao realizar diferentes atividades, seguindo regras claras”.

Acreditamos que os trabalhos fora da sala de aula poderiam ter sido mais presentes no dia a dia das crianças, pois o acesso a outros ambientes era favorável para que isso acontecesse, tendo em vista que a escola localiza-se em frente a uma praça e que dispõe de árvores enormes em sua proximidade e que poderiam ser utilizadas com mais frequência. Ressaltamos também que as crianças quando se deslocavam para a realização de atividades fora da sala, transpareciam bastante alegria e entusiasmo, participando ativamente do que lhes era proposto.

O professor precisa estar sempre atento para proporcionar às crianças momentos de interação na realização das atividades. As Orientações Curriculares para a Educação Infantil (1998) orientam o professor a criar agradáveis e instigantes espaços agradáveis nas dependências internas e externas das instituições, possibilitando, assim, interações que colaborem nas realizações das atividades que podem ser em diferentes locais.

Passaremos, a seguir, a realizar uma análise vertical da tabela 1 (ocorrência de atividade com desenho), observando, portanto, as manifestações das frequências dos subcritérios a partir dos índices de cada professora.

Observando a referida tabela, podemos evidenciar que durante as duas semanas de observação, as duas professoras fizeram uso de atividades com desenhos, totalizando, dentre as duas salas, 21 atividades com desenho, sendo 10 realizadas na sala da professora A e 11 na sala da professora B. Essa proximidade (quantitativa) é devido ao fato de ambas as professoras seguirem uma mesma rotina determinada e entregue pela Secretaria de Educação do Município.

Na rotina, entregue pela Secretaria<sup>3</sup>, está determinada a rotina diária, constando o que cada professora deve fazer (atividades pedagógicas), o tempo de desenvolvimento para cada atividade, bem como sugestões de procedimento e materiais necessários.

Sobre rotina, o dicionário *on-line* de português esclarece que “é um caminho normalmente; itinerário habitual [...] hábito de fazer uma coisa sempre do mesmo modo, mecanicamente; repetição monótona das mesmas coisas; apego ao uso geral, sem interesse pelo progresso” (2012, s/p acessado em 20.04.2012).

Entretanto, rotina, neste trabalho, é também compreendida como algo que contempla e colabora/auxilia as ações que configuram a educação infantil, utilizada para organizar o tempo das professoras com as crianças (e das crianças) no desenvolvimento prático do planejamento de uma sequência de diferentes atividades.

De acordo com Lopes (2003, p.31)

a rotina tem grande importância na Educação Infantil, pois ela auxilia a criança a construir o conceito de tempo, que inicialmente é concebido como algo fragmentado e não como um todo. É por meio da regularidade da rotina que a criança localiza-se no tempo, no espaço e nas atividades da instituição.

Desta forma, a rotina quando é trabalhada numa visão sócio-constructivista deixa de ser algo enfadonho e monótono e passa a ser prazerosa, pois as crianças passam a se apropriar do tempo que será desenvolvida cada atividade, e elas tornam-se, desta forma, sujeitos ativos e participativos. Ainda de acordo com Lopes (2003, p.31) "a rotina se abre para o novo, para o diferente sem se tornar monótona, repetitiva".

A rotina proposta pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Graça - Ceará é assim organizada: Tempo de chegada, em que é sugerido que os professores recebam as crianças com brinquedos ou jogos. Em seguida vem a hora da história, onde as professoras sentam no chão e cantam uma música antes de iniciar a contação de história – a princípio a professora lê o título e convida as crianças para relatar

---

<sup>3</sup> Essa informação foi emitida pelas próprias professoras durante diálogos informais.

o que imaginam que iria acontecer na história, ou seja, ela fazia um levantamento das hipóteses das crianças com relação ao título. Após, acontece uma conversa acerca da história, em seguida é solicitado que as crianças registrem em forma de desenho a história ouvida.

Dando continuidade, vem a hora do tempo de construção e conhecimento, onde são trabalhados conceitos de Língua Portuguesa, Matemática e Natureza e Sociedade. Vale ressaltar que a cada dia era abordado um assunto diferente, depois disso acontecia a hora do lanche, em que as professoras eram orientadas a trabalharem o cardápio que era servido no dia e a importância de uma alimentação saudável, em seguida, as crianças saíam para o recreio onde lanchavam e brincavam livremente.

Ao retornarem do lanche, vem a hora do parque; nesse momento é sugerido que a cada dia seja abordado um tema, por exemplo: um dia para brincarem de casinha, no outro é de circo, no dia seguinte de salão de beleza, um dia é brincadeira livre etc. E o tempo de saída, em que os professores fazem um encerramento com uma síntese do que foi vivenciado naquele dia. A rotina fica exposta na sala através de um cartaz produzido pelos professores em que as crianças já sabem o tempo que será desenvolvido cada atividade no decorrente dia, como mostra a foto abaixo:

**Foto 1 – Rotina da pré-escola observada**



**Fonte: Dados da autora**

De acordo com Barbosa (2006, p.35) “a rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam, para a partir dela desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil”.

Abro um espaço nessa análise sobre rotina por observar que, apesar das duas professoras seguirem o mesmo plano (a rotina pré-determinada pela Secretária de

Educação do município de Graça), elas se diferenciam quanto aos procedimentos realizados para o desenvolvimento das atividades.

Nos planejamentos das professoras havia atividades com desenho, onde aplicavam as atividades para que as crianças desenhassem sobre as histórias que ouviam. Em outro momento era para desenhar objetos que começassem com a letra que a professora falasse, num outro deixava livre durante essas atividades, variando a mediação.

Quando a atividade era sobre a história a professora perguntava se era só aquilo que aparecia na história, se elas não se lembravam de mais nenhum aspecto (faziam questionamentos). Às vezes algumas crianças percebiam que estava faltando alguma coisa e outras não, mas as professoras respeitavam o que as crianças estavam fazendo.

Durante a observação as crianças se mostraram muito concentradas realizando as atividades tituladas como livres. Podemos citar um exemplo em que as crianças iam para o chão com giz na mão e lá desenhavam o que queriam como mostra a foto abaixo.

**Foto 2- crianças realizando atividade livre de desenho**



**Fonte: Dados da autora**

Tivemos a oportunidade de constatar que no planejamento das professoras havia contido, no detalhamento, atividades com desenhos, ou seja, as atividades já eram previstas e não colocadas como encaixe. No entanto, as professoras realizavam atividade com desenho com pouca frequência fora da sala, como foi evidenciado pelo critério 1.2 (A professora realiza atividade com desenho fora da sala): na sala da professora A, das 10 atividades com desenhos, apenas duas foram realizadas em um ambiente externo à sala comum (as duas foram realizadas no pátio); e na sala da professora B, das 11 atividades



com desenho, três foram realizadas fora da sala (duas no pátio da escola e uma em uma praça que ficava próximo à escola onde foi realizada a pesquisa).

Faremos agora a análise das frequências da professora A, quanto à realização de atividades com desenhos.

Os dados revelaram que as atividades com desenhos foram concentradas no próprio ambiente da sala. Sabemos que as crianças precisam explorar diversos e diferentes ambientes, e com tal concentração, essa atitude priva as crianças de se expressarem diante de outros ambientes e novos desafios, e de vivenciarem outras situações que, às vezes, só é possível fora do ambiente da sala.

Quanto ao subcritério 1.2 (A professora realiza atividades com desenhos fora da sala), o ambiente fora da sala não é usado com frequência. Destacamos, mais uma vez, que as atividades com desenhos fora da sala podem ser extremamente colaborativas para as crianças aprenderem a se expressar em outros ambientes, pois sabemos que os contatos com outros espaços trazem novos conhecimentos.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) ressalta que “a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela” (p. 201).

Essas atividades com desenho realizado fora do ambiente da sala comum foram realizadas assim: na sala da professora A, ela pediu que as crianças saíssem da sala e procurassem um lugar para desenharem o que elas quisessem, com papel e giz de cera na mão, logo todos se espalharam no pátio e criaram seus próprios desenhos.

Ao voltarem para a sala, a professora pediu que cada criança falasse sobre seu desenho, então cada uma das delas ficava em pé na frente dos colegas e falava o que era cada parte do seu desenho. A professora permitiu que todas as crianças falassem sobre seus desenhos, no entanto, houve uma criança que não quis falar. Então a professora pediu que as crianças ficassem em duplas para falarem de seus desenhos, nesse momento a criança que não havia falado antes, falou com sua colega sobre seu desenho e a professora observou, mas não questionou o porquê em outro momento ela não tinha falado; mas logo surgiu a resposta, pois sua coleguinha falou que ela tinha vergonha de falar na frente de todos. Diante disso o desenho livre aparece como espontâneo, pois as crianças desenharam o que de fato elas queriam desenhar e não algo imposto pela professora. Como mostra um dos desenhos de uma criança dessa turma:

**Imagem 1 – Desenho livre realizado na sala da professora A**



**Fonte: Dados da pesquisa**

Passaremos adiante com a análise das frequências da professora B.

Os dados referentes ao desenvolvimento de atividades com desenhos dentro da sala realizadas pela professora B revelam também uma concentração de atividade no ambiente da sala, pois das 11 atividades com desenho, oito foram nesse ambiente. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) o espaço da sala deve ser organizado de modo a privilegiar a independência da criança no acesso e manipulação dos materiais disponíveis ao trabalho, e deve traduzir na forma como é organizada a memória do trabalho desenvolvido pelas crianças, mas não deve ser visto como o único ambiente de exploração.

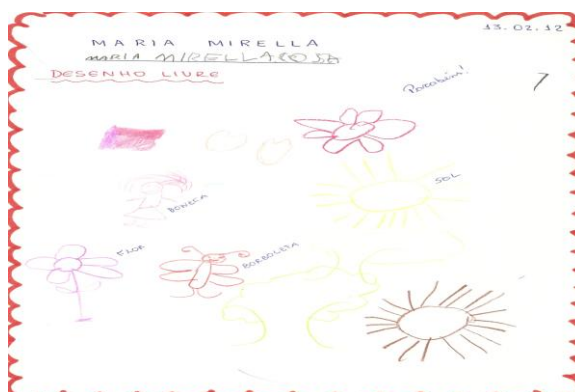
Quanto ao subcritério 1.2 (A professora realiza atividade com desenho fora da sala) este se manifestou poucas vezes, apenas três dentre as onze atividades com desenhos.

Na turma da professora B, das três atividades com desenho realizadas fora da sala, duas atividades foram livres e uma atividade foi dirigida. Em uma das atividades livres as crianças foram levadas até o pátio e a professora formou uma rodinha no chão com elas e conversou sobre o que elas iriam fazer no pátio; explicou que elas iriam observar as coisas, brincar por alguns minutos e depois iriam desenhar sobre o que elas quisessem. Nessa atividade a professora deixou os materiais (papel ofício, lápis de cor, giz de cera) onde as crianças pudessem pegar para as crianças desenharem; algumas crianças preferiram desenhar no chão em vez do papel. Logo após terem terminado a atividade, ainda no pátio mesmo, as crianças falaram de seus desenhos.

Enquanto as crianças falavam de seus desenhos, a professora B escrevia o nome de cada desenho que as mesmas nomeavam. Nesse momento as crianças falavam sobre o desenho das outras fazendo comparações e questionamentos, a saber: “parece que é

uma borboleta; não, é um passarinho”, e assim todas queriam adivinhar o que era o desenho de cada colega. Vale ressaltar que nessa atividade as crianças se sentiram muito a vontade para falar de seus desenhos. Todos os desenhos feitos pelas crianças receberam um nome. O desenho abaixo foi criado por uma das crianças da turma da professora B durante uma das atividades com desenho livre.

**Imagem 2 – desenho livre realizado na sala da professora B**



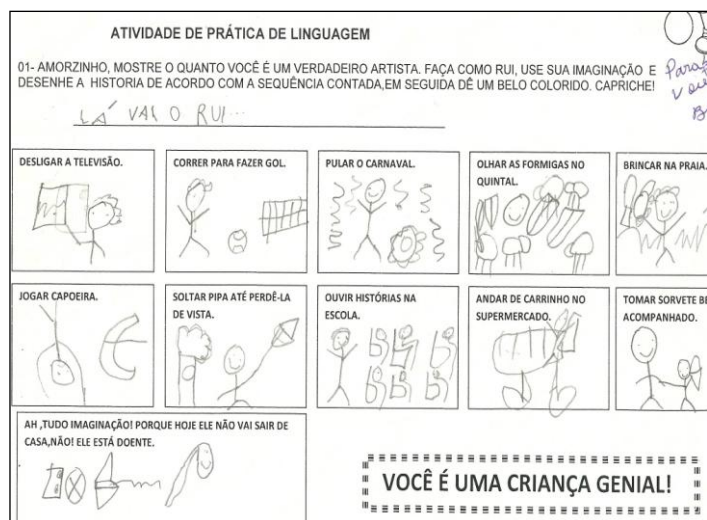
**Fonte: Dados da pesquisa**

A professora B realizou outra atividade com desenho, sendo desta vez uma atividade dirigida. A atividade era sobre a representação da história que tinha sido contada fora da sala. A professora pediu para que as crianças fizessem um desenho a respeito da história contada. Esse tipo de atividade era realizada com muita frequência em sala, fato esse verificado no período da observação.

Ressaltamos que durante essa atividade as crianças ficaram bem à vontade; demorou um pouco até que todas as crianças encontrassem um lugar para ficarem e realizarem suas atividades. Nesse momento a professora fazia intervenções acerca do desenho de cada criança: ela orientava para que as crianças não fugissem do que se havia proposto, bem como a forma e a estética dos desenhos produzidos tinham que ser levados em consideração.

Esta imagem é um exemplo da atividade dirigida a qual foi realizada na sala da professora B.

**Imagem 3 – atividade dirigida de desenho realizado na sala da professora B**



**Fonte: Dados da pesquisa**

Observando a frequência dos dados referentes a análise do critério 1 que trata das ocorrências das atividades com desenhos, podemos evidenciar que as professoras ainda fazem pouco uso de outros ambientes fora da sala para realizar atividade com desenho e que aproveitar melhor estes espaços poderia proporcionar momentos muito prazerosos na aprendizagem das mesmas.

Salientamos que o desenho contribui para o desenvolvimento da criança, pois exerce uma parte significativa da vida da mesma. Méredieu (2006, p.10) afirma que o desenho é importante na vida de todas as crianças, em que é caracterizado como a ponte para despertar a imaginação, permitindo que a criança conheça na sociedade as regras e práticas adotadas no meio em que vive.

Diante do que foi analisado acreditamos que o desenho tem grande influência no pensamento e desenvolvimento da criança e que se faz necessário possibilitar o trabalho com desenhos em diferentes ambientes, oferecendo desta forma experiências em outros contextos extra-sala, bem como uma diversidade de materiais.

### **3.2 Análise do critério 2 de observação**

O critério 2 (as propostas metodológicas de atividades com desenho) teve por objetivo observar quais as metodologias/frequência eram utilizadas pelas professoras na

realização de atividades com desenho dentro e fora da sala. Os dados desse critério estão distribuídos na tabela 2 abaixo.

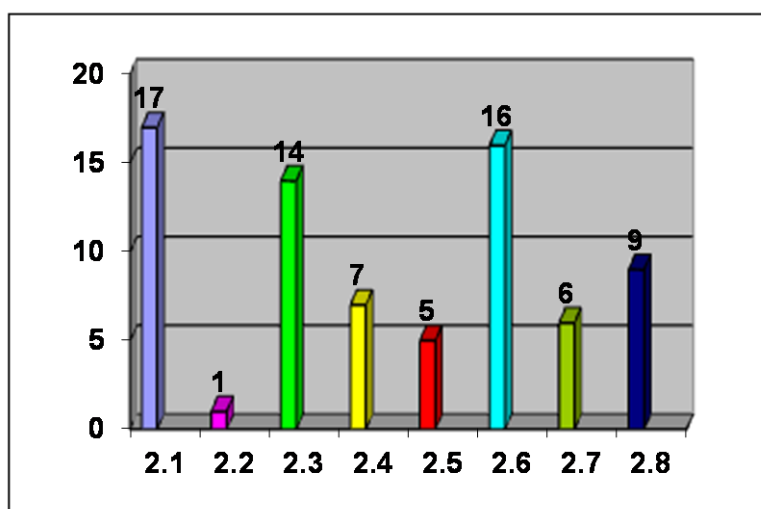
Tabela 2 – Frequência das propostas metodologias das atividades com desenhos

<b>Critério 2 ( propostas metodológicas de atividades com desenho)</b>	<b>P.A</b>	<b>P.B</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
2.1 Professora propõe atividades com desenho a partir de um tema.	9	8	17	22,66
2.2 A professora utiliza atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo	0	1	1	1,33%
2.3 A professora disponibiliza diversos materiais para que as crianças realizem seus desenhos.	8	6	14	18,66%
2.4 A professora propõe agrupamento para a realização das atividades com desenho.	5	2	7	9,33%
2.5 A professora propõe atividades com desenhos livre (sem contexto definido).	2	3	5	6,66%
2.6 A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem.	10	6	16	21,33%
2.7 A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos sem intervenção.	2	4	6	8%
2.8 A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos com intervenção.	8	1	9	12%
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>31</b>	<b>75</b>	

**Fonte: Dados da pesquisa**

Os dados dos subcritérios estão ilustrados no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Das metodologias das atividades com desenhos



LEGENDA
2.1 A professora propõe atividades com desenho a partir de um tema.
2.2 A professora utiliza atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo
2.3 A professora disponibiliza diversos materiais para que as crianças realizem seus desenhos.
2.4 A professora propõe agrupamento para a realização das atividades com desenho.
2.5 A professora propõe atividades com desenhos livre (sem contexto definido).
2.6 A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem.
2.7 a professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos sem intervenção.
2.8 a professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos com intervenção

Analisando a tabela 2, podemos observar que o subcritério 2.1 (A professora propõe atividade com desenho a partir de um tema) teve a maior frequência com índice 17, que corresponde 22,66%, seguido pelo subcritério 2.6 (A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem), com frequência de 16, correspondendo a 21,33%. E com menor frequência o subcritério 2.2 (A professora utiliza a atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo), com apenas uma frequência, correspondendo a 1,33%.

A alta frequência do subcritério 2.1. (A professora propõe atividade com desenho a partir de um tema) foi identificado quando as professoras solicitaram que as crianças produzissem um desenho a partir de uma contextualização. Podemos ilustrar essa contextualização com o seguinte exemplo: uma das professoras solicitou que as crianças desenhassem os personagens de uma história lida por ela. No entanto, algumas crianças queriam também desenhar brinquedos, sua família, além dos personagens da história. A professora não permitiu que as crianças desenhassem outras coisas a não ser os personagens da história. No exemplo supracitado podemos observar a necessidade de propor atividades com desenhos a partir de um tema/modelo para que a crianças possam realizar essas representações por meio de seus desenhos e não simplesmente impor a partir de um tema que as crianças repitam o que foi solicitado, pois contextualizar é quando a professora envolve as crianças em uma situação problema e, a partir disso, elas realizam suas atividades.

É importante a contextualização para o desenvolvimento dos desenhos, primeiro a partir da observação da apreciação de obras para depois as crianças reproduzi-las, por exemplo. Isso é contextualização: a professora fazer com que as crianças partam de um ponto vivido por elas, mesmo que seja uma história contada, e não simplesmente a

professora chegar à sala e impor que façam um desenho sem antes haver um diálogo, uma problematização sobre determinado tema.

Sabemos que cada criança se desenvolve de maneiras diferentes, ou seja, em ritmo diferente; assim é fundamental que o professor respeite essa particularidade de cada criança, onde a imposição de exigir que a criança faça somente o que a professora solicita não é adequado, pois isso não leva em consideração as necessidades da criança em expressar-se, contrariando o fato de que a professora deve orientar, mas não impor.

Ainda sobre a contextualização, podemos citar outro exemplo: durante a observação em sala presenciei uma atividade de ciências na qual uma das professoras estava trabalhando as frutas; na oportunidade a mesma perguntou qual era a fruta preferida das crianças. Em seguida solicitou que as crianças desenhassem e pintassem a sua fruta preferida em um pedaço de papel que já havia trazido cortado em tamanhos iguais. Em seguida a educadora questionou as crianças sobre o porquê da importância do consumo de frutas e cada criança teve a oportunidade de se expressar. Após isso, a professora propôs que as crianças colassem seus desenhos em um papel madeira que estava fixado na lousa e formaram um gráfico; na continuidade ela analisou o gráfico com as crianças sobre qual a fruta que foi mais preferida, qual a menos preferida e outros questionamentos. Para o dia seguinte, a professora combinou com a turma que as crianças trouxessem frutas para fazerem uma salada.

Na atividade supracitada, o desenho das frutas perpassou por um momento de contextualização, a professora não trouxe os desenhos feitos para as crianças simplesmente pintarem – ela as incentivou a desenharem sua fruta preferida. Acreditamos que para as crianças essa atividade fez sentido e significado, pois a atividade com desenho fazia parte do contexto social das crianças, envolvia questões do seu dia a dia.

Silva (2010), relata uma experiência com projeto pedagógico na Educação Infantil em uma turma de 15 crianças, de quatro anos de idade, de uma escola pública Federal de Fortaleza. O objetivo foi atender as necessidades expressivas das crianças que concerne às artes plásticas. O trabalho foi realizado através da apreciação, reflexão, releitura e reprodução de telas escolhidas pelas próprias crianças e com materiais diversos. Dessa forma foi evidenciado que as artes visuais permitem à criança apreciar e expressar-se por meio da atividade livre do desenho, pintura e modelagem, contribuiu também para o desenvolvimento da sensibilidade artística e formação crítica e estética das crianças.

A autora ainda esclarece a importância de se trabalhar com projetos na Educação Infantil, sejam projetos artísticos envolvendo as artes plásticas dentre outros, mas especialmente se faz necessário desenvolver um trabalho intencional e contextualizado com artes plásticas mais direcionadas ao desenho, pois a autora revela que “apesar de ser fundamental a livre expressão da criança em seu decurso de fazer arte, pintar baseado em modelos já conhecidos e preferidos pelas crianças pode ser uma experiência enriquecedora” (Silva, 2010, p. 02).

Percebemos desta forma que podemos, sim, realizar atividades com desenho baseadas em modelos e contextos, mas que seja atendendo aos interesses e curiosidades das crianças e que o ambiente destinado a essas atividades sejam preparados e organizados com antecedência com materiais diversificados.

Assim é importante enfatizar que o papel do professor, afluído ao pensamento de Spodek e Saracho (1998, p. 360) "não é oferecer modelos para as crianças copiarem, mas estimulá-las à exploração dos meios e observar e guiar seu progresso, introduzindo novas técnicas de acordo com o desenvolvimento e a necessidade dos alunos".

Os professores devem reconhecer que as produções das crianças refletem o nível de compreensão e concentração das mesmas quanto à atividade proposta, revelando-se como um importante instrumento de avaliação. Ressaltamos ainda que os professores não podem impor, mas sim mediar e tentar traçar acesso da criança ao conhecimento, ou seja, que as crianças quando desejarem expor algo que não foi solicitado dentre a atividade, o professor deve sim, mediar e instruir as crianças à compreensão de que existem dados personagens (no caso da atividade exemplificada), mas que eles não devem exigir que a criança desenhe somente (e exclusivamente) os personagens da história, mas sim, que as crianças possam ampliar suas expressões.

Dentre os critérios analisados ressaltaremos o 2.6 (A professora traz pronta atividades para as crianças pintarem) teve também uma frequência significativa de 16 correspondendo a 21,33%, neste critério as atividades eram realizadas em sala.

Percebemos que quando os professores participantes trazem atividades com desenho prontas para as crianças só pintarem, estão, de certa forma, privando-as de desenvolverem e talvez ampliem sua criatividade, muito embora algumas vezes as crianças se mostrem satisfeitas com o ato de pintar. O índice desse subcritério nos mostra dois aspectos, um positivo e outro negativo. O aspecto positivo desta atividade foi que o professor fez uso de um planejamento, ou seja, essa atividade de pintar desenhos já prontos



era algo que constava nos planejamentos dos professores, apesar de que a atividade, em si, apresenta uma significativa expressão negativa, tais como: precisão dos fatos, o controle do ambiente (como fazer, onde fazer e o que fazer), bem como o controle da espontaneidade.

Nesta perspectiva é importante que o professor veja o desenho como uma forma de expressão da criança e assim possa valorizar o mesmo. Sobre tal perspectiva Moreira (2009) considera que o professor deve conhecer o ato de desenhar, para levar em consideração os desenhos feitos pelas crianças.

A menor frequência representada pelo subcritério 2.2 (A professora utiliza atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo) obteve apenas uma frequência – esta mostrou que as professoras planejam suas atividades com desenhos antes de realizarem, como mostrou o alto índice do subcritério 2.1 (A professora propõe atividade com desenho a partir de um tema). Essa informação foi evidenciada ao observar a prática e o plano de aula das professoras, conforme já foi detalhado anteriormente. Esse baixo índice mostrou-se como um fator positivo, pois apesar das poucas atividades com desenho, foi possível observar que houve um planejamento prévio das atividades, embora o desenho tivesse pouca ênfase neste planejamento.

No subcritério 2.2 (a professora utiliza atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo), aconteceu uma única vez, da seguinte maneira: faltavam 20 minutos para a aula terminar e as crianças já haviam feito tudo que estava planejado para aquele dia, então a professora entregou giz para às crianças e pediu que elas desenhasssem no chão o que quisessem; elas se empolgaram e o fizeram até a hora de ir para casa.

Sabemos que o professor deve ter cuidado para que esse tipo de atividade não aconteça como forma de preenchimento de tempo e sim como um recurso para desenvolver o conhecimento das crianças. Logo isso nos remete ao fato de que dependendo de como o professor vê e interpreta o desenho da criança, a mesma pode ou não fazê-lo demonstrando sua habilidade e criatividade. Segundo Simas (2011)

o olhar do professor para o desenho infantil tem um grande significado para a criança, pois a depender de como este reaja em relação a esta linguagem, a criança pode ser encorajada a se expressar e demonstrar o seu potencial criativo. Se o professor demonstrar uma postura insatisfeita perante sua produção - o desenho, a criança pode se desestimular. (p.47)

Com os dados supracitados, podemos evidenciar que as professoras participantes utilizaram o desenho como recurso pedagógico trabalhado a partir de um contexto. Os dados revelam ainda que as professoras seguiam um roteiro/planejamento

prévio, trazendo muitas vezes, atividades de desenho e pintura já prontos para as crianças executarem.

Passaremos, a seguir, a realizar uma análise vertical da tabela 2 (As propostas metodológicas de atividades com desenho) observando, portanto, as manifestações das frequências dos subcritérios relacionadas às propostas metodológicas de atividades com desenho a partir dos índices de cada professora.

Destacando as ações da professora A, esta teve maior índice no subcritério 2.6 (A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem), com frequência de 10, correspondendo a 13,33%. E com menor frequência o subcritério 2.5 (A professora propõe atividades com desenho livre sem contexto definido) com frequência de 2, correspondendo a 2,6%, e o 2.7 (A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos sem intervenção), ambos com frequência de 2, correspondendo a 2.6%.

A alta frequência do subcritério 2.6 (A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem) foi evidenciada quando a professora tratava de algum assunto e em seguida entregava às crianças suportes para pintarem, como forma de vivenciar por meio da pintura o que foi trabalhado. Essas atividades podem ser observadas por meio das imagens abaixo:

**Imagens 4 e 5 registros de atividades com desenhos para pintar.**

Dê um lindo colorido nos personagens da história do filme que você assistiu. Capriche!!!

**DORA A AVENTUREIRA**



**Fonte: Dados da pesquisa**

01 -PINTE SOMENTE OS ANIMAIS QUE PODEM VIVER PERTO DE ANA. VOCÊ É CAPAZ!



Dessa maneira foi possível observar que antes da realização dessa atividade foi trabalhado o assunto, a professora levou para a sala vários animais de pelúcia e plástico, e pediu que cada criança pegasse um, depois sentaram em roda e foram conversar sobre os animais, onde foram questionados quais dos animais poderiam conviver com elas, por que não poderiam e etc. Só então, a professora pediu para as crianças pintarem os animais que poderiam viver perto de Ana. É claro que a professora poderia ter pedido para as crianças

desenharem os animais que elas achassem que poderiam viver com a Ana, talvez elas pudessem desenhar outros animais que não tivessem sido mencionados na sala, em vez de só pintarem. Dessa forma destacamos o fato de que é preciso permitir às crianças usarem sua imaginação e criatividade para representar suas vivências, além de diversificar as possibilidades de aprendizagem, não se limitando apenas a pintura de atividades prontas.

De acordo com Oliveira (1994), a criança utiliza os desenhos para mostrar seus conhecimentos e explorar suas possibilidades de imaginação como forma de vivenciar suas experiências. Tais reflexões influenciam como o desenho deve ser visto na busca do conhecimento da criança, colaborando como suporte pedagógico capaz de abrir novos horizontes a respeito da aprendizagem.

Durante a pesquisa pudemos observar que a professora A teve sua menor frequência no subcritério 2.5 (A professora propõe atividades com desenhos livre sem contexto definido) com uma frequência de 2, correspondendo 2,66%; sendo assim, não explorou os conhecimentos das crianças a partir de um determinado assunto, que seria muito interessante ter sido realizado, sem contar que valorizaria o desenho das crianças utilizando como recurso pedagógico capaz de desenvolver conhecimentos. Lowenfeld (1977) ressalta que o desenho é importante para o desenvolvimento da criança, como forma de autoexpressão ou de desenvolvimento da criatividade na representação dos objetos.

Diante da importância do desenho da criança, percebemos que o mesmo contribui para desenvolver a imaginação quando trabalhado de forma a valorizar os interesses da criança durante atividades com desenho. O desenho também pode auxiliar o professor na análise dos conhecimentos (prévios ou não) da criança.

Diante do exposto sobre a importância do desenho livre Pillar (1996) ressalta que o desenho livre, espontâneo tem grande contribuição para a compreensão do sentimento e pensamento da criança. Sendo essencial que se busque valorizar e inserir atividades com desenho livre para deixar fluir a imaginação da criança.

Portanto é imprescindível que o trabalho com desenhos sejam propostos em turmas de educação infantil, a fim de que as crianças possam expressar seus desejos, seus sentimentos e não sendo necessário que o professor faça intervenções a todo instante e, sim, necessita o cuidado e a averiguação dos desenhos livres a ponto de conhecer o que as mesmas ilustram, servindo como ponto de partida para novas e futuras intervenções.

Outro subcritério que se destaca quanto a baixa frequência na professora A, foi o 2.7 (A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos sem intervenção), com uma frequência de 2, que corresponde 2,6% . De acordo com os dados da pesquisa essa professora, em relação às atividades com desenho livre, sempre aparece com pouca ênfase, ou seja, demonstra que essas são pouco exploradas diante das atividades com desenho realizadas na sala. No entanto, as atividades livres podem ser um momento único para a criança se expressar através do mesmo, pois é muito importante que a imaginação da criança seja explorada nesse momento.

Observamos que a professora dava o tema do desenho e as crianças desenhavam o que entendiam sobre o que a professora havia solicitado, mas a professora não fazia intervenções, o que seria uma boa oportunidade para que realizasse mediações para o enriquecimento da atividade com desenho. Nessa atividade a professora pediu que as crianças desenhassem o seu bichinho de estimação, mas as crianças desenharam apenas a cabeça dos animais; no entanto a professora como mediadora não sugeriu que as crianças desenhassem as outras partes do corpo dos animais. Pois diante dessa intervenção a criança poderia desenhar com segurança e prazer, uma vez que o desenho se tratava do seu bichinho de estimação.

Sobre a utilização de atividade com desenhos, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirmam que os professores, ao utilizarem tais atividades, não devem interferir nas mesmas, pois ressaltam que para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais necessários para aprimorarem seus desenhos.

Quanto à professora B, seu maior índice foi no subcritério 2.1 (A professora propõe atividades com desenho a partir de um tema), com frequência de 8, correspondendo a 10,6%, seguido pelos subcritérios 2.3 (A professora disponibiliza diversos materiais para que as crianças realizem seus desenhos) e 2.6 (A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem), ambos com frequência de 6, correspondendo a 8%.

O subcritério 2.1 (A professora propõe atividades com desenho a partir de um tema) se manifestou a partir de um assunto abordado em sala, como por exemplo, a professora contava uma história para as crianças, em seguida conversava sobre o que as crianças tinham achado da história e depois solicitava que as mesmas recontassem a história através de desenhos.

**Imagem 6- ilustração de uma história através de desenhos.**



**Fonte: dados da pesquisa**

Com base nos dados verificamos que o desenho foi utilizado como recurso pedagógico, como registro do que a criança entendeu da história, as necessidades, medos e alegrias, registrando o que ouviu e o que viu durante a contação da história, os personagens preferidos e o que lhe marcou mais, fazendo assim sua interpretação.

Essa atividade pode proporcionar grandes momentos de imaginação da criança, que é fundamental para despertar outras habilidades como: se comunicar, se expressar, ampliar sua percepção de mundo etc.

Andrade (2005, p. 104) ressalta que "o desenho torna visível, aquilo que está invisível no pensamento da criança, por meio do qual o professor passa a ter maior compreensão sobre o seu amadurecimento e os avanços que conquista na aquisição dos conhecimentos".

Outro subcritério que teve uma frequência significativa foi o 2.3 (A professora disponibiliza diversos materiais para as crianças realizarem seus desenhos). Nesse, a professora B ao realizar atividade com desenho, ela tinha a preocupação de disponibilizar diversos tipos de materiais para as crianças, tais como papel ofício, canetinhas, lápis de cor, giz de cera etc. Vale ressaltar que as crianças quando experimentam utilizar materiais diversificados, elas abrangem seu universo de criatividade, a atividade se torna prazerosa, ou seja, é importante que as crianças durante suas atividades com desenho tenham acesso aos materiais necessários para criarem seus desenhos.

Sobre a utilização de atividade com desenhos, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil também abordam que os professores ao utilizarem tais atividades não devem interferir nas mesmas, pois ressaltam que para que a criança possa

desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente, sem intervenção direta, explorando os diversos materiais necessários para aprimorarem seus desenhos.

Quanto ao critério 2.6 (A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem) também teve uma frequência alta, manifestada na sala da professora B. Esse índice indica que as atividades de pintar eram previamente planejadas pela professora, onde era constatado quando a mesma trazia os desenhos para as crianças pintarem. Durante as observações realizadas percebemos que este tipo de atividade (pintura) não era muito apreciado por todas as crianças, pois as mesmas preferiam desenhar livremente.

Dessa maneira é importante priorizar atividades que promovam a criatividade da criança, sendo que o desenho pode ser uma atividade que contemple esse fator. Simas (2011) ressalta que “a criança se aventura no mundo mágico dos desenhos e através deles revela os seus desejos, suas conquistas, evoca novas descobertas, revive as suas alegrias, seus medos, suas angústias, e acima de tudo retrata toda a beleza eterna de sua infância” (p, 31).

Destacamos, ainda, a importância do desenho para despertar a imaginação no processo da construção do conhecimento. Pillar (1996) ressalta que “a arte é uma forma de construir conhecimentos, que é uma atividade que envolve a inteligência, o pensamento, a cognição, mas também a arte influi na construção de conhecimentos.” (p13).

Sabemos que as atividades com desenhos são importantes para o desenvolvimento das crianças, no entanto, essas atividades (observadas durante o período de observação) foram realizadas com certo descontentamento, ou seja, muitas vezes não foram realizadas de forma que os interesses das crianças fossem atendidos, assim algumas dessas atividades realizadas não valorizavam sua forma de expressão, pois as atividades prontas que a professora trazia para pintar não favorecia este aspecto, ou seja, a evolução da imaginação das crianças.

Vale destacar que as práticas das professoras mostraram-se como fato positivo apesar de algumas restrições, pois elas desenvolviam atividades com desenhos a partir de um tema/contexto, disponibilizavam materiais necessários às criações das crianças.

Diante das atividades com desenhos, as professoras procuravam intervir sempre que consideravam necessário, mesmo que não fosse de maneira adequada, ou seja, quando havia imposição. Portanto, impor o que a criança tem que desenhar é algo que não deveria estar presente na prática pedagógica dos professores, principalmente daqueles que atuam na educação infantil.

### 3.3 Análise do critério 3 de observação

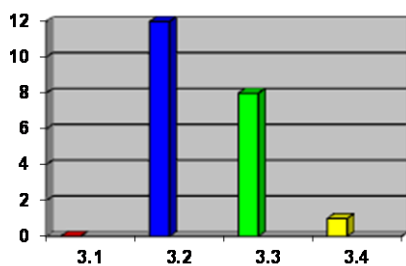
A seguir analisaremos os menores e maiores índices manifestados dentre os subcritérios do critério 3 (Procedimentos de retomada das atividades com desenho pelas professoras). Os dados estão distribuídos na tabela abaixo:

Tabela 3 - Frequência dos procedimentos de retomada das atividades com desenho pelas professoras

Critério 3 - Procedimentos de retomada das atividades com desenhos pelas professoras.	P.A	P.B	TOTAL	%
3.1 A professora somente expõe as atividades com desenhos.	0	0	0	0%
3.2. A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente sobre seus desenhos.	6	6	12	57%
3.3 Professora discute e expõe as atividades com desenho.	4	4	8	38%
3.4 A professora arquiva as atividades sem expor e sem discutir.	1	0	1	4,76%
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>21</b>	

Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 3 – gráfico de procedimentos de retomadas das atividades com desenhos.



LEGENDA
3.1 A professora somente expõe as atividades com desenhos.
3.2. A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente.
3.3 Professora discute e expõe as atividades com desenho.
3.4 A professora arquiva as atividades sem expor e sem discutir.

Analisando a tabela 3, o subcritério que teve maior frequência foi o 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente sobre seus desenhos), com frequência de 12, sendo 57% das ações das professoras. Outro subcritério com frequência significativa maior foi a 3.3. (A professora discute e expõe as atividades com desenho), com índice 8, correspondendo a 38%. E com menor frequência o sub critério 3.4 (a professora arquiva as atividades sem expor e sem discutir), com frequência de 1 e índice de 4,76%. Ressaltamos que o subcritério 3.1(A

professora somente expõe as atividades com desenhos) não obteve frequência por nenhuma das professoras. Percebemos que isto foi um ponto positivo, pois as professoras da Educação infantil não estão mais cometendo este equívoco.

O alto índice do subcritério 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente) evidencia que as professoras mostraram-se preocupadas em ouvir as crianças sobre os seus desenhos. No âmbito da Educação Infantil a criança deve ser vista como possuidora de uma voz própria que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão. (FORMOSINHO, 2008).

Acreditamos que ao ouvir as crianças sobre o que elas dizem a respeito de seus desenhos, podemos ampliar sua criatividade estimulando a produzir algo que faça sentido ou que desperte seu interesse/chame atenção. Simas (2011, p.47) fomenta em seu trabalho que “a instituição deve tomar como primeira tarefa dar a palavra a criança, para a partir daí a mesma expresse seus anseios, vontades e sentimentos”.

O subcritério 3.3 (A professora discute e expõe as atividades com desenho) com frequência de 8 e índice de 38%, onde mostra que ambas as professoras, ao realizarem atividades com desenho, se preocupam em falar sobre as atividades com as crianças, assim também como expor as atividades no mural para que todas as crianças pudessem apreciar e valorizar os trabalhos da turma. As orientações Curriculares para a Educação Infantil (2011) ressaltam que através da discussão “o professor pode pesquisar quais elementos podem estar contribuindo, ou dificultando a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças e então, fortalecer ou modificar a situação que esta sendo proposta.” (p. 98).

Vale ressaltar que ao se tratar das atividades com desenho desenvolvidas pelas crianças, é preciso ter um olhar minucioso sobre o que fazer com elas, pois é um momento importante para as crianças e o professor, a partir de uma discussão, desenvolverem principalmente o hábito de ouvir uns aos outros. Sabemos que a criança faz também uma interpretação através de sua produção; elas experimentam sensações e constroem suas próprias hipóteses dos objetos ao seu redor, sendo o desenho uma atividade importante para o desenvolvimento das crianças da educação infantil.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) evidencia a importância das artes na instituição infantil:

As crianças têm suas próprias impressões, idéias e interpretações sobre a produção de arte e fazer artístico. Tais construções são a partir de suas



experiências ao longo da vida , que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte (p. 89).

O subcritério 3.4 (A professora arquiva sem expor e sem discutir) ocorreu uma vez, correspondendo a 4,76%. É muito importante que as atividades das crianças tenham um retorno do professor para que as crianças se sintam capazes ou até mesmo para incentivá-las a produzirem, além de ser um momento também de fazer uma sondagem do que foi discutido, pois isso faz parte de uma sequência didática que deve haver em todas as séries. Nesse momento o professor tem um papel muito importante que é dar atenção a atividade das crianças para ajudar no desenvolvimento das mesmas; neste caso, discutir essas atividades antes de arquivar, proporciona um maior esclarecimento de como as crianças estão interpretando e realizando essas atividades.

Quanto ao menor índice manifestado no critério 3 de observação, o subcritério 3.4 (A professora arquiva as atividades sem expor e sem discutir), obteve apenas uma frequência, correspondendo a 4,76%. Este índice evidencia um ponto positivo, pois mostra que as atividades das crianças com desenho são valorizadas ao serem discutidas e expostas antes de serem arquivadas.

Como foi dito, o subcritério 3.1 (A professora somente expõe os desenhos das crianças) não obteve frequência, reforçando ainda mais sobre a atenção que as professoras têm em ouvir, as crianças.

É fundamental que o professor tenha a preocupação de incentivar as crianças a realizarem atividades com desenho, pois a partir delas a criatividade pode fluir naturalmente, e para que isso aconteça deve, sim, discutir todas as atividades produzidas pelas crianças e assim conhecer melhor cada uma delas, para buscar novos caminhos reorganizando as atividades acerca do interesse das crianças. As Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2011) esclarecem que “o professor pode reorganizar as atividades de modo mais adequado à realização dos propósitos infantis e das aprendizagens coletivamente trabalhadas, à medida que conhecer as preferências das crianças.” (p.99)

Passaremos a seguir a realizar uma análise vertical da tabela 3 (Procedimentos de retomada das atividades com desenho pelas professoras), observando, portanto, as manifestações das frequências dos subcritérios a partir dos índices de cada professora.

A professora A manifestou maiores índices no subcritério 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente),

com frequência de 6, correspondendo a 28,57%. E com menor índice no subcritério 3.4 (A professora arquiva as atividades sem expor e sem discutir) com frequência de 1, correspondendo a 4,76%.

O índice do subcritério 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente) evidencia que a professora A não deixava as atividades com desenhos das crianças sem comentar, valorizando a atividade de cada uma das crianças, pois sabemos que assim a professora também está possibilitando o desenvolvimento oral das crianças, quando ao mesmo tempo em que desenha ela expõe e explica para os colegas o que fez.

Apesar desse subcritério ter sido o mais alto, ele ainda não se expressa como totalmente positivo, pois essa professora realizou onze atividades com desenho no total, e apenas seis atividades foram discutidas e analisadas em grupo; as outras cinco ela não deu a mesma oportunidade para as crianças se expressarem oralmente, onde quatro dessas atividades a professora falava e não deixava as crianças falarem das mesmas, e uma das cinco ela arquivou sem expor e sem discutir. Evidenciando-se assim a necessidade de precisarmos ver no desenho da criança uma forma de expressão oral das crianças que pode nos revelar as vontades, os desejos, receio e saberes que cada uma tem.

Para Lowenfeld, Brittain (1977) “ao desenhar, a criança revela parte de si própria: como pensa, como sente e como vê” (p,19). Este fato revela que a cada experiência vivida com desenho da criança, a mesma mostra sua maneira de se expressar e representar o que pensa.

O baixo índice do subcritério 3.4 (A professora arquiva as atividades sem expor e sem discutir) mostra-se positivo, por revelar que as atividades das crianças recebem certo cuidado da professora e por ter se manifestado somente uma vez, sabemos que o desenho faz parte das experiências vividas pela criança manifestando o interesse de representar, o que sente e o que é, onde o desenho é, “alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um longo processo vivencial e existencial.” (DERDYK,1993, p.51)

Quanto à professora B, o alto índice do subcritério 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidades para as crianças se expressarem oralmente), evidencia que no âmbito das atividades com desenhos realizadas, a professora oportuniza as crianças a se expressarem oralmente valorizando as mesmas ao pedir que elas apresentem seus desenhos antes de arquivar. Percebemos que o desenho da criança é muito

importante para o processo de desenvolvimento, pois possibilita muitas descobertas através de sua imaginação.

Méredieu (2006, p.10) esclarece que “o desenho é essencial na vida da criança, é a ponte para explorar sua imaginação proporcionando a ela conhecer as regras existentes no meio em que vive”.

Vale ressaltar que, de acordo com os dados da pesquisa, as duas professoras apresentaram a mesma frequência no subcritério 3.2 (A professora discute com as crianças, dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente) – frequência 6 - no entanto a professora A não disponibilizava muito tempo para essa atividade, não explorava muito a oralidade das crianças, enquanto a professora B, que também teve o mesma frequência nesse subcritério, explorava bastante a oralidade das crianças pedindo que apresentassem seu desenho, mostrando o que mais gostaram, disponibilizou mais tempo para que todas as crianças pudessem apresentar seu desenho.

Acreditamos que os dados do critério 3 (Os procedimentos de retomada das atividades com desenho pelas professoras) evidenciou uma importância dada às atividades com desenhos das crianças, quando as mesmas tinham oportunidade de falar sobre tais atividades com desenhos e assim terem suas atividades expostas no mural. Este fato é considerado positivo, pois apesar do grande número de crianças nas duas turmas das professoras observadas, as mesmas tinham a preocupação em dar um retorno com relação às atividades realizadas pelas crianças, pois percebemos o quanto é difícil ouvir e dar atenção necessária a todas, devido o excesso de crianças por turma.

Sabemos que é importante sim a exposição dos desenhos, bem como discutir o que as crianças produzem, pois isto é uma forma de conhecer individualmente cada criança, onde seus desenhos podem revelar muitas coisas ao seu respeito (medos, alegrias, tristezas etc.). É de suma importância reconhecer que essa prática oportuniza que cada criança veja uma às outras como um ser que também é fonte de conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi investigar o desenho como recurso pedagógico utilizado pelas professoras de Educação Infantil do município de Graça - Ceará. Buscou-se observar em quais situações didáticas essas professoras utilizavam o desenho como instrumento de aprendizagem e como essas atividades (com desenho) são utilizadas na prática pedagógica dessas professoras, identificando, portanto, seu conceito acerca das atividades com desenho para a aprendizagem das crianças.

Para a realização desta investigação, optamos em realizar uma pesquisa qualitativa, por meio da observação da prática pedagógica de duas professoras de educação infantil da rede pública do município de Graça, e como recurso utilizou-se um roteiro e um diário de campo.

Os dados da pesquisa mostraram que as duas professoras fizeram uso de atividades com desenhos durante a realização da pesquisa, tanto em sala como fora dela. Entretanto, a maior incidência de frequência foi realizada dentro da sala, deixando os outros espaços da escola como secundários.

Das duas professoras, a professora B fez mais uso de ambientes fora da sala, dando oportunidade aos alunos de explorarem outras áreas da escola e de promoverem outras vivências, experiências e desafios durante as atividades com desenho.

Foi verificado que as professoras procuravam intervir sempre que consideravam necessário na realização das atividades com desenhos das crianças, mas algumas vezes de maneira não adequada, pois havia certa imposição. Portanto é relevante repensar em metodologias que contribuam para o desenvolvimento infantil.

As práticas das professoras mostraram-se como positivas, apesar de apresentarem algumas exceções. A professora A obteve um maior índice de trabalho utilizando atividades com desenhos prontos para pintar, demonstrando desta forma um fato negativo. De modo geral, evidenciou-se que a realização dessas atividades a partir de um tema e a disponibilização de materiais necessários às criações das crianças é algo imprescindível em qualquer prática pedagógica.

A observação levou em conta três critérios: critério 1 (As ocorrências das atividades com desenhos); critério 2 (Propostas didático-metodológicas de atividades com desenho); e critério 3 (Procedimentos de retomada das atividades com desenhos pelas professoras). Os dados do critério 3 revelaram uma importância dada às atividades com

desenhos das crianças, pois as professoras possibilitavam as mesmas a falar sobre as atividades com desenhos, bem como tais atividades eram expostas no mural. Este fato é considerado positivo, as professoras tinham a preocupação em dar um retorno com relação às atividades realizadas pelas crianças, apesar das dificuldades encontradas.

Sabemos que é importante sim a exposição dos desenhos, bem como discutir o que as crianças produzem. É de suma importância reconhecer que essa prática oportuniza que cada criança veja umas as outras como um ser que também é fonte de conhecimento. Neste critério as duas professoras se assemelharam com relação aos resultados, diferenciando apenas no subcritério 3.4. (A professora arquiva sem expor e sem discutir).

Os resultados encontrados nesta pesquisa foram positivos do ponto de vista de que são utilizadas atividades com desenho com frequência na sala da pré-escola. Mas onde em alguns momentos percebemos que as professoras utilizam o mesmo como recurso pedagógico de uma forma que poderia ser mais significativa para as crianças, nesse contexto é importante que o professor evidencie e trabalhe o desenho de forma a privilegiar as crianças na utilização de experiências com atividades de desenhos, podendo ter acesso a vários ambientes e materiais diversificados. Portanto sabemos que o desenho não pode ser entendido como uma atividade para passar o tempo, mas sim como uma linguagem particular da criança se expressar e se desenvolver.

A realização deste trabalho nos possibilitou refletir sobre as práticas pedagógicas das professoras da pré-escola para utilizar o desenho na aprendizagem das crianças, pois devemos pensar em desenho como parte do processo de aprendizagem, desenvolvimento e expressão de cada criança.

Os estudos e as experiências obtidos nesta pesquisa apontam a importância do desenho no processo de desenvolvimento da criança. Desta forma contribui no trabalho com as mesmas e também nos leva a refletir sobre o desenho que as crianças produzem, melhorando então a compreensão neste assunto para a Educação Infantil.

Sendo assim, acreditamos que este é fundamental no desenvolvimento e formação da criança e que é importante o professor conhecer o processo da mesma e, teoricamente, do desenho, assim terá condições de propor atividades que contemplem o universo imaginário dela. Desta forma, compartilhamos do fato que o desenho tem sua característica própria, podendo auxiliar na forma de expressão de cada criança, que passa a conhecer melhor suas habilidades desenvolvendo e ampliando sua criatividade.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho de. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. São Paulo. 2010

ALMEIDA, Ordalia A. **O dito e não feito – o feito e não dito**: em busca do compasso entre o falar e o fazer na educação infantil. Tese de Doutorado. Orientadora: Professora Doutora Regina Bochniak. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. SP: 2001.

ANDRADE, Luci Carlos. **O desenho como expressão no aprendizado infantil**: Caminhos e possibilidades. Campo Grande. 2005

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação infantil: para quê, para quem e por quê?** Inn: COSTA, Fátima Neves do Amaral. O cuidar e o educar na educação infantil. ASSIS, Mariene Sirlene de Assis. Práticas de cuidado e educação na instituição de educação infantil. Campinas, SP: Alínea, 2008.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 292 p.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5692, 1996.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5692, 11 de Ago. 1971.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Referencial Curricular nacional para a educação infantil. Brasília: 1998. Vol.I.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular para a Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998. v. 03.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DERDYK, Edith. **Forma de pensar o desenho**: o desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1993.

\_\_\_\_\_. **Forma de pensar o desenho**: o desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

DIRENZO, M.; CASTEBIANCO, F.B.; VICHI, P. **IL penaiero gráfico**. In: DIRENZO, M.; CASTELBIANCO, F.B. *I uoghi del mondo infantile*. Roma: Edizione Scientifiche Magi, 1997.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral. **Linguagens infantis: outras forma de leitura**. Campinas: Autores associados, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Sueli, **Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança**. 3. ed. São Paulo: 1998.

FIGUEIREDO, Rita Vieira. **Formação de professores para a inclusão e o acesso ao ensino superior**. O desafio das diferenças nas escolas. Boletim 21/Novembro 2006. P.93.

FROEBEL, Friedrich W.A. **A educação do homem**. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPE, 2001.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel Ferreira Pereira. **Infância e produção cultural**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

LEME, Angélica Sacconi. **O desenho na escola: uma contribuição para o desenvolvimento infantil**. Campinas 2007.

LOPES, Juliana Cassab. **O desenho histórico do processo do estudo do desenho da criança**. França 2001.

LOPES, Karina Rizek. Org - Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. (Coleção Proinfantil; Unidade 2), p. 31.

LOWENFELD, Vikton. **A criança e sua arte**. 2 se. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUDKE, MENGA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, Menga Ludke, Marli E.D.A. André – Aão Paulo: EPV, 1986.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil**. Porto: Civilização editora, 1969.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Merleau-Ponty na Sorbone. **Resumo de cursos filosofia e linguagem**. Campinas: Papirus, 1990.

MÉREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitri. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

\_\_\_\_\_. **O desenho infantil**. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 30 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOREIRA, Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia e ARAÚJO, S. Barros. **Escutar as vozes das crianças como meio de (re) construções de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas**. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora 2008.

OLIVEIRA, Vera Barros de; Bassa, Nádia(orgs) **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1994.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Orientações Curriculares para Educação Infantil**. Secretaria de Educação do Estado do Ceará – Fortaleza SEDUC, 2011.

PATTON , M.Q. **Qualitative Evaluation**. Beverly Hills, Ca; SAGE, 1980.

PIAGET. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

\_\_\_\_\_. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

\_\_\_\_\_. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, INHELDER, B. **A psicologia da criança**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Arts Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Desenho e escrita como Sistemas de representação**. Porto alegre: Arts Médicas, 1969.

\_\_\_\_\_. **Desenho e escrita como Sistemas de representação**. Porto alegre: Arts Médicas, 1969<sup>a</sup>. Referencial curricular para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/sef, 1998. 3v.: il.

SILVIA, Helena Vieira Cruz (org). **A criança fala: escuta de criança em pesquisas** – São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Maria do Socorro. **Projeto de aprendizagem: Somos artistas**. Artes Visuais na Educação Infantil, 2010.

SIMAS, Daiana Leão. **Ricos e rabiscos: A contribuição do desenho infantil para alfabetização**. Salvador 2011.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.



\_\_\_\_\_. **A Formação social da mente.** São Paulo: Martins, 1984.

ZILBERMANN, Regina (org.). **A produção cultural para a criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

## APENDICE 1

### Roteiro de observação de atividades com desenhos.

**Professora:** \_\_\_\_\_

**Terma: infantil V (pré-escola)**

**Período:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ A \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Tabela1- Frequência da ocorrência das atividades com desenho.**

Critério 1- As ocorrências das atividades com desenhos.	AUSENTE	PRESENTE PARCIALMENTE	PRESENTE	CONSTANTE
1.1-A professora realiza atividade com desenho dentro da sala.				
1.2- A professora realiza atividade com desenho fora da sala.				

**Tabela 2- Frequência das propostas metodológicas das atividades com desenho.**

Critério 2 (as propostas metodológicas de atividades com desenho).	AUSENTE	PRESENTE PARCIALMENTE	PRESENTE	CONSTANTE
2.1- A professora propõe atividades com desenho a partir de um tema.				
2.2- A professora utiliza atividade com desenho como recurso para preenchimento de tempo.				
2.3- A professora disponibiliza diversos materiais para que as crianças realizem seus desenhos.				
2.4- A professora propõe agrupamento para a realização das atividades com desenhos.				
2.5- A professora propõe atividade com desenhos livre (sem				

contexto definido).				
2.6- A professora traz atividades prontas para as crianças pintarem.				
2.7- A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos sem intervenção.				
2.8- A professora deixa as crianças livres para criarem seus próprios desenhos com intervenção.				

**Tabela 3- Frequência dos procedimentos de retomada das atividades com desenho pelas professoras.**

Critério 3- Procedimentos de retomada das atividades com desenhos pelas professoras.	AUSENTE	PRESENTE PARCIALMENTE	PRESENTE	CONSTANTE
3.1- A professora somente expõe as atividades com desenhos.				
3.2- A professora discute com as crianças dando oportunidade para as crianças se expressarem oralmente sobre seus desenhos.				
3.3- A professora discute e expõe as atividades com desenho. .				
3.4- A professora arquiva as atividades sem expor e discutir.				